

Aderval Rodrigues Ferreira

Uma análise da síndrome de Burnout em professores da Rede Particular do Recife



Periódicos
UFRPE

Aderval Rodrigues Ferreira

Uma análise da síndrome de Burnout em professores da Rede Particular do Recife



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA

Equipe Editorial

Abas Rezaey

Izabel Ferreira de Miranda

Ana Maria Brandão

Leides Barroso Azevedo Moura

Fernado Ribeiro Bessa

Luiz Fernando Bessa

Filipe Lins dos Santos

Manuel Carlos Silva

Flor de María Sánchez Aguirre

Renísia Cristina Garcia Filice

Isabel Menacho Vargas

Rosana Boullosa

Projeto Gráfico, editoração e capa

Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma

Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E61	Entendendo o processo de aprendizagem a partir da educação infantil: crianças na escola. Patricia Ferreira de Oliveira Umbelino – João Pessoa: Periodicojs editora, 2023
	E-book: il. color.
	E-book, no formato ePub e PDF.
	Inclui bibliografia
	ISBN: 978-65-6010-039-8
	1. Educação infantil. 2. Processo de aprendizagem. I. Umbelino, Patricia Ferreira de Oliveira. II. Título.
	CDD 372.21

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação infantil 372.21

Obra sem financiamento de órgão público ou privado

Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.

A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas da Coleção de livros Humanas em Perspectiva



**Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs**

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil
website: www.periodicojs.com.br
instagram: @periodicojs

Prefácio



A coleção de ebooks intitulada de Humanas em Perspectiva tem como propósito primordial a divulgação e publicação de trabalhos de qualidade nas áreas das ciências humanas que são avaliados no sistema duplo cego.

Foi pensando nisso que a coleção de ebooks destinou uma seção específica para dar ênfase e divulgação a trabalhos de professores, alunos, pesquisadores e estudiosos das áreas das ciências humanas. O objetivo dessa seção é unir o debate interdisciplinar com temas e debates específicos da área mencionada. Desse modo, em tempos que a produção científica requer cada vez mais qualidade e amplitude de abertura para diversos leitores se apropriarem dos estudos acadêmicos, criamos essa seção com o objetivo de metodologicamente democratizar o estudo, pesquisa e ensino na área da ciências humanas.

Esse ebook produzido pelo pesquisador Aderval Rodrigues Ferreira coloca em destaque, através de uma pesquisa empírica, o quadro de saúde emocional de diversos professores no ambiente escolar, permitindo compreender a fadiga e desgaste vivenciados. Essa conjuntura, favorece a necessidade de revisão do quadro atual de ensino, a fim de permitir melhores políticas públicas.

Filipe Lins dos Santos

Editor Sênior da Editora Acadêmica Periodicojs



Sumário



INTRODUÇÃO

6

Capítulo 1

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

11

Capítulo 2

METODOLOGIA

55

Capítulo 3

DISCUSSÃO E RESULTADOS

58

Considerações Finais

71

Referências bibliográficas

74

5



INTRODUÇÃO



No presente trabalho procurou-se fazer uma abordagem teórica e uma pesquisa de campo exploratória da problematização do stress nos professores da rede particular da região metropolitana do Recife. O stress nos professores tanto da rede pública como privada vem cada vez mais atingindo dimensões incalculáveis, afetando a qualidade desses profissionais e muitos deles às vezes pensam na desistência de sua profissão para trilharem em outros caminhos profissionais.

Segundo Carlotto & Câmara (2004, p.499) o termo Burnout foi usado pela primeira vez pelo médico psicanalista, novaiorquino, Freudenberger, em seus estudos na década de 70, sendo mais preciso de 1974 à 1977, que descreveu este fenômeno como um sentimento de fracasso e exaustão causado por excessivo desgaste de energia. Freudenberger inclui na sua definição comportamentos de fadiga, depressão, irritabilidade, aborrecimentos, sobrecarga de trabalho, rigidez e flexibilidade, (apud FREUDENBERGER, 1974; FRANÇA, 1987; PERLMAN & HARTMAN, 1982, p. 499). A Síndrome de Burnout, tem origem inglesa, derivada do verbo to burn out (queima por completo), é também conhecida por Síndrome do esgotamento profissional.

Ainda segundo Carlotto & Câmara (2004, p.500), a definição mais aceita atualmente sobre a Síndrome de Burnout, fundamenta-se na perspectiva social-psicológica (Maslach & Jackson, 1981, et all). A Síndrome de Burnout é formada por três dimensões: a exaustão emocional; a despersonalização e a baixa realização pessoal no trabalho. Essas dimensões causam frustração, comportamentos indesejáveis no atendimento às pessoas e a auto avaliação de forma negativa levando a uma infelicidade e insatisfação com o seu trabalho.

A síndrome de Burnout encontra-se presente em quase todas as profissões, porém nos professores é onde se evidencia, geralmente, com maior intensidade. Esses profissionais são levados a um stress causado pelos diferentes contextos sociais que nos quais os alunos estão inseridos, como a falta de educação familiar dos alunos, baixos salários dos professores, condições inadequadas de trabalho, exigências das escolas na disciplina e cumprimento do conteúdo programático.

A família coloca a responsabilidade da educação dos alunos para a escola, onde o professor muitas vezes nada pode fazer com alunos cheios de vícios e mau comportamentos. No mundo de



tecnologias avançadas, que vivemos, onde manusear um equipamento eletrônico em sala de aulas parece bem mais agradável do que se concentrar e prestar atenção em uma aula. Na realidade é no berço familiar de onde vem a base fundamental para educação e a escola é apenas um complemento.

O professor fica em meio a essas responsabilidades e sobre ele recai a missão de educar, dos bons costumes dos alunos levando a um grau estressante. A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira), Lei 9.394 de 1996, relata no TÍTULO II, artigo 2º, a Educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e ... sua qualificação para o trabalho.

A educação não é apenas dever só do professor, é dever da família, principalmente. O professor tem uma participação na educação, facilita a aprendizagem, mostra os conhecimentos científicos e também comportamentos padronizados. A família é que dar a base, ensina os bons costumes e orienta como deve-se comportar na sociedade, no modo de viver. Daí então o trabalho do professor seria bem mais facilitado e os casos da Síndrome de Burnout, seriam bem mais acentuados se a educação familiar fosse mais atuante na vida dos jovens.

JUSTIFICATIVA

A Síndrome de Burnout, está presente nos professores do ensino médio, da rede particular, da região Metropolitana de Recife. Através da observação do estresse e as dificuldades de ensinar aos jovens e adolescentes na atualidade, apresentamos o interesse de estudar e mostrar a árdua missão desses profissionais em exercer sua profissão. O professor tem seu trabalho prejudicado pelas conversas e bate-papos dos alunos, comportamentos não éticos em sala de aulas: consulta ao celular, jogo, mensagem de whatsapp, filmes, músicas, facebook e TV, tudo é válido para fugir da aula. Tudo isto leva a uma sensação de incompetência, seguido de um cansaço, que o professor absorve até chegar a apresentar comportamentos indesejáveis no momento da aula.

A Síndrome de Burnout é desenvolvida através das dificuldades apresentadas em salas de aulas no ensino-aprendizagem e do contexto social que passa o professor na atualidade. O



estresse evolui tanto que prejudica o profissionalismo levando às vezes a desistência desses profissionais e comprometimento de sua saúde, daí então está caracterizada a Síndrome de Burnout. Segundo Albuquerque (2013, p. 20-27):

o professor torna-se suscetível a desenvolver a Síndrome de Burnout, que é a sensação de perda de energia, baixa realização profissional, sentimento de fracasso e de esgotamento. A pessoa é consumida física e emocionalmente pelo próprio objeto de trabalho, muitos professores sofrem e chegam até a abandonar a profissão.

O estresse é um problema que vem evoluindo com dimensões incalculáveis nas instituições de ensino, tanto públicas como privadas e os professores estão mais susceptíveis a este mal, sua profissão envolve situações que podem expor a diversas situações como: a frustração, irritabilidade, mal humor, mudanças de diversas situações de comportamento, daí então se caracteriza a Síndrome de Burnout. Conforme Gonçalves (2013, p. 7)

Burnout é um termo bastante antigo, do jargão popular inglês; refere-se àquilo que deixou de funcionar por absoluta falta de energia (apud, BENEVIDES e PEREIRA, 2002). Semelhante para Ferenhof (2002), a palavra burnout tem origem inglesa e vem da junção das palavras burn, que significa queima, e out, que significa exterior.

Burnout é um termo recente utilizado para expressar o elevado estágio do estresse profissional desenvolvido pelos profissionais. Hoje em dia é comum relatos de altos índices de estresse desenvolvido por profissionais trabalhadores que lidam diretamente com o público e os professores constituem uma classe das mais prejudicadas.

Talvez se existisse uma Lei Nacional, que obrigassem as escolas a fazerem um acompanhamento psicológico periódico de seus professores, para que assim eles tivessem mais apoio, bases e capacidades de lidarem com as crianças e adolescentes. Pois no mundo tecnológico atual, os meios de comunicação e entretenimento em salas de aulas, utilizados inadequadamente pelos alunos, desrespeitam e atrapalham a aprendizagem.



Deste modo as escolas contribuíam para um melhor desempenho dos professores no exercício de sua profissão, o que resultaria em benefícios na relação professor-aluno com reflexo na aprendizagem e conseqüentemente um mundo melhor.

OBJETIVOS

Geral

Investigar se os professores do ensino médio da rede particular de Recife, apresentam a Síndrome de Burnout e em que estágio ocorre os sintomas.

Específicos

Identificar variáveis que mais ocasionam a Síndrome de Burnout.

Analisar causas e conseqüências nos professores causados pelo alto nível de estresse desenvolvido pela prática da profissão.

Verificar por meio de questionários, aplicados aos professores, o grau de estresse que caracteriza a Síndrome de Burnout.



Capítulo 1

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA



Um breve Contexto Histórico da Escola no Brasil

A escola teve seus primórdios no Brasil, na época colonial onde predominava uma mão de obra escrava e uma sociedade patriarcal caracterizada pela autoridade dos donos de terras. A cultura transmitida pelos jesuítas dava origem a uma sociedade dominante, latifundiária, escravocrata que não necessitava de pessoas letradas para governar. Diante do exposto, só mesmo uma educação humanística voltada para o espiritual poderia ser implantada.

O recrutamento dos fies e servidores constitui o objetivo da companhia de Jesus. Ribeiro (1993) relata:

A catequese assegurou a conversão da população indígena à fé católica e sua passividade aos senhores brancos. A educação elementar foi inicialmente formada para os curumins, mais tarde estendeu-se aos filhos dos colonos. [...]. A educação média era totalmente voltada para os homens da classe dominante, exceto as mulheres e os filhos primogênitos, já que estes últimos cuidariam dos negócios do pai. A educação superior na colônia era exclusivamente para os filhos dos aristocratas que quisessem ingressar na classe sacerdotal; os demais estudariam na Europa, na Universidade de Coimbra. Estes seriam os futuros letrados, os que voltariam ao Brasil para administrá-lo. [...]. Este tipo de educação em muito se adequava ao momento e sobreviveu todo o período colonial, imperial e republicano, sem sofrer modificações estruturais em suas bases. Tanta foi a influência jesuítica, que, no período colonial media-se a posição social do indivíduo pela quantidade de terras, número de escravos e títulos que o indivíduo recebera dos colégios católicos. Concluímos, então, que este tipo de educação sobreviveu e permaneceu, porque reforçava o sistema sócio-político e econômico da época. RIBEIRO (1993, p. 01).

A educação era voltada para educação de elites, onde os filhos dos pobres trabalhadores não tinham oportunidades de se educarem. Inicialmente a missão da Companhia de Jesus era catequizar os índios, levando-os a fé católica para torná-los mais dóceis e submissos à mão de obra. Porém, posteriormente a catequese afastou-se desse objetivo e passou a adotar a educação voltada para os colonos para que seus filhos adquirissem garantia de lucros financeiros e futuramente uma formação sacerdotal.



Sobre a educação no período colonial destaca-se a obra do Padre Serafin Leite, onde a ação dos jesuítas dá criação as escolas (“escolas de ler e escrever”), e no ensino sistematizado que era composto pelas disciplinas: latim, humanidades e teatro; cursos de artes, filosofia, matemática e física; questões sobre as disciplinas escolar. Nessa época, em 1686 houve uma tentativa de se criar na Bahia a Universidade do Brasil, onde não teve aprovação por Roma, pois o Colégio da Bahia que daria origem a Universidade não dispunha “de todos os requisitos indispensáveis a uma Universidade em regra (apud, LEITE, 1965, P. 52)”.

A primeira faculdade do Brasil, só foi criada em 18 de fevereiro de 1808, fundada pelo Príncipe Regente Dom João VI. Foi a faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), criada como Escola de cirurgia da Bahia. A primeira escola de nível superior no Brasil, instalada no Hospital Real Militar, nas dependências do Colégio dos Jesuítas e hoje faz parte da UFBA (BACELAR, 2012).

Mesmo com a expulsão dos jesuítas, em 1759, o ensino continuou com objetivos literários e com métodos pedagógicos autoritários e disciplinares. Pregava-se o castigo, usava-se a palmatória, para surrar a mão dos alunos que não aprendiam a lição. “As práticas pedagógicas nas escolas públicas do Império Incluíam castigos físicos e até uma “prisão-solitária” para encarcerar os alunos faltosos” (SCHUELER, 2007).

Estas práticas pedagógicas duraram até a década de 70, aqui no Brasil. Tem-se relatos sobre o uso da Palmatória nas escolas do mundo todo. O Guia do Estudante da redação do dia 04 de abril de 2011, trás a manchete: “Palmatória ainda é usada como punição corporal em 20 estados norte-americanos. Mais de 220 mil crianças foram alvo de punições desse tipo entre 2005 e 2006”.

A palmatória foi utilizada como ferramenta de punição física em estudantes do mundo todo. No Brasil, seu emprego foi introduzido pelos jesuítas, como forma de disciplinar os indígenas. A prática só começou a ser repensada em 1970, com as campanhas pelo fim da violência infantil, na década de 1970. Na década de 1980, foi considerada crime. (GUIA DO ESTUDANTE, 2011).

Este tipo de educação se adequava ao momento daquela época e sobreviveu por todo o pe-



ríodo colonial, imperial e republicano, sem sofrer modificações estruturais em suas bases. No século XVIII surgiu uma nova classe intermediária ligada ao comércio e concentrada na zona urbana que perdurou até o século seguinte. No século XIX a pequena burguesia desempenhou um papel relevante firmando-se como uma sociedade reivindicadora dos seus direitos e surge uma educação escolarizada, voltada para elite.

A escola era voltada para burguesia, o filho do pobre trabalhador não tinha direito a escola.

Grande parte dos estudantes da Idade Média vinha da nobreza, pois esta camada social possuía recursos financeiros para manter os filhos nas escolas. Os nobres decidiam quais filhos iriam para a área militar (formação de cavaleiros), para a formação técnica (escolas formais) ou formação religiosa (escolas monásticas).

Já os camponeses e seus filhos, sem recursos financeiros e presos às obrigações servis, não tinham acesso à educação escolar, ficando sem saber ler e escrever por toda vida.

Nos séculos XIV e XV (final da Idade Média), com o surgimento da burguesia, as escolas e universidades passaram a ter muitos estudantes oriundos desta nova camada social. Os filhos dos burgueses iam para escolas e universidades que davam formação mais ampla ou de caráter técnico. Os burgueses buscavam formar seus filhos em áreas como Medicina, Artes, Direito, Filosofia e Arquitetura. Claro que muitos burgueses também direcionavam os estudos dos filhos para que estes continuassem o negócio da família nas áreas de comércio ou finanças.(JEAN, 1998).

No século XX a escola passou por grandes reformas. Surgiram Leis que regulamentava a educação Brasileira. A primeira LDB foi publicada em 20 de dezembro de 1961 pelo presidente João Goulart, seguida por outra versão em 1971, em pleno regime militar, que vigorou até a promulgação da mais recente LDB em 1996, LEI nº 9.394 promulgada em 20 de dezembro de 1996 pelo então presidente da república Fernando Henrique Cardoso.

A escola de hoje sofreu grandes mudanças, tanto as públicas quanto as particulares. As preocupações, os problemas mudaram, ou foram simplesmente acrescidos. O diretor passou a ser um gestor empresarial e os funcionários passaram a ser colaboradores, porém algumas coisas continuam como a escola de antigamente.



Se compararmos a escola de hoje com a escola do passado apesar de grandes mudanças, observa-se que mesmo em épocas diferentes mais ainda é possível que existem muitos fatores em comum. É certo que grande parte dos problemas enfrentados tempos atrás e com o passar dos anos foram se acentuando como por exemplo o fator financeiro, que apesar do esforço da maioria dos educadores ainda não são reconhecidos. Esse é um fato alarmante que vem preocupando a sociedade, pois a própria imagem social da escola parece está se comprometendo de tal maneira que os profissionais da área acabam a cometidos a uma falta de credibilidade profissional. (PEREIRA, 2008).

A escola hoje em dia, inserida numa tecnologia moderna, com efeitos da globalização, advindos a uma sociedade crítica e exigente, carrega nas suas atividades problemas que no passado não existiam.

Segundo Carlotto e Palazzo, fazendo referência a Carvalho, descreve que:

A escola, segundo Carvalho, vem assumindo cada vez mais características e modelos de gestão empresarial, não podendo ser considerada, hoje, apenas uma pequena empresa, devido à sua complexidade, organização, número de funcionários e clientes atendidos. Assim, os resultados obtidos parecem dar sustentação ao modelo sociológico de burnout proposto por Woods, que entende o estresse e a síndrome de Burnout em professores a partir de fatores localizados em níveis micro, meso e macrosociais. Para o autor, os fatores microsociais seriam aqueles situados dentro da atividade profissional (comprometimento, papéis desenvolvidos, relacionamentos profissionais), neste estudo, representados pelos fatores de interação, como a relação estabelecida com os alunos e as provenientes da relação com os pais na forma de expectativas com relação ao seu trabalho. (CARLOTTO e PALAZZO, 2006, p.1017-1026).

A escola de hoje, principalmente a privada, funciona como uma empresa e daí tem como clientela alunos e pais. É preciso que se tenha uma gestão de administração escolar pautada nos moldes de fornecer ensino de qualidade e que esta relação de empresa educacional não venha interferir no bom funcionamento da escola.

Os profissionais da educação, principalmente os professores, que trabalham nesta escola,



desempenham suas atividades com muito mais esforços e estresse comparados aos de antigamente.

O Trabalho e o Professor

O trabalho deve ser um lugar prazeroso, que cause satisfação e vontade de executar, pois é nele que se passa uma boa parte da vida. Porém muitas profissões que lidam com o público têm, geralmente uma carga maior, sobre problemas comportamentais, desgastes emocional e dificuldades. O professor está inserido neste contexto, por ser formador de ideias, porém é preciso que ele aprenda a lidar com o estresse ocupacional.

Segundo Silva, (2010, p.8) “o trabalho humano tem duas faces bem distintas, por uma lado é a fonte de satisfação e realização, [...], por outro lado pode se transformar em elemento patogênico, sendo nocivo à saúde do trabalhador”. Já Fonseca, apud, (2001), afirma que “o trabalho de cada pessoa contribui, através dos êxitos e fracassos, para que o indivíduo se sinta satisfeito ou insatisfeito consigo mesmo, realizando-se profissionalmente ou não”.

A origem da palavra Trabalho vem do latim tripalium, tri significa três e palium significa madeira. Tripalium era um instrumento de madeira constituído de três estacas em forma de “X” bastante afiadas usado, na idade média, para tortura, dos escravos e dos pobres que não podiam pagar os impostos.

A ideia de trabalho sofreu evolução cultural especialmente na Revolução Industrial e hoje têm uma série de significados diferentes.

Hoje acredita-se que é com o trabalho onde o homem se realiza, porém,

Trabalhar não deve ser sacrifício ou sofrimento. Trabalhar é aceitar responsabilidade e, também, deixar espaço, para autocrítica por fracassos. O prazer vem de sentimentos de sucesso, de valorização moral, de cumprimento das responsabilidades. (apud, FONSECA, 2001. P.21)

O trabalho possibilita ao homem concretizar seus sonhos, atingir suas metas e objetivos de



vida. O trabalho leva o homem a viver melhor, pois é com o trabalho que ele engrandece.

O trabalho do professor está inserido numa organização escolar, que por sua vez está inserida num contexto político, econômico, social e cultural. Esse trabalho muitas vezes causa sobrecarga de responsabilidades, pressão sobre determinadas tarefas afetando o comportamento psicológico dos indivíduos levando a um desgaste físico e mental. Torna-se, as vezes, desgastante, desestimulante, com baixo nível de motivação e de insegurança. Com o elevado grau de estresse ocupacional o professor poderá passar a desenvolver a Síndrome de Burnou, pois por consequência de está sob pressões em sala de aula para manter o aluno disciplinado, motivado e produtor de conhecimentos, suas energias se dissipam e suas vocações profissionais vão de água a baixo.

Lidar com os problemas de sala de aula não é fácil, é preciso ter técnicas e muita paciência, segundo Lipp, (2002. p. 04), “é preciso que o professor, por seu papel de formador de ideias, aprenda a lidar com o stress ocupacional de modo eficaz, indicando a seus alunos como enfrentar e superar as situações de desgaste e as dificuldades.”

O estresse é um problema do tempo moderno. O mundo que vivemos de tecnologias avançadas, mundo globalizado, vida corrida, não há tempo para nada, tempo dissipado no trânsito, noites mal dormidas, sem às 8 horas de sono, sem lazer, sem tempo para exercícios físicos, mal alimentação, tudo isso leva a um mal humor, a estafa, a um desgaste emocional e a o popularizado estresse.

Estudos sobre o estresse existem há bastante tempo. Segundo Meleiros, (2002, p.12), “Em 1914, Cannon constatou que a finalidade da reação de emergência era mobilizar energia para restaurar a homeostase, isto é, o equilíbrio biológico”.

Posteriormente outros estudos foram feitos e Meleiros, (2002, p.12), descreve que: “Em 1936, Hans Selye apresentou um conceito de stress com uma precisa versão endocrinológica que se tornou um paradigma de pesquisa usado até os dias de hoje que popularizou esse fenômeno.”

Selye caracterizou a Síndrome do estresse biológico, por Síndrome de Adaptação Geral (SAG) e que apresenta três estágios distintos, comparando aos ciclos de vida, tem: primeira fase, a reação de alarme, é a fase de resistência e fase de esgotamento, seria a infância (pouca resistência e



reações excessivas); a segunda fase, fase de resistência, séria a idade adulta (elevada capacidade de resistir) e a terceira fase, fase de esgotamento, seria a velhice (perda das capacidades de resistência).

Além dessas três fases estudadas por Selye, segundo Meleiros (2002, p.12).

“Pesquisas recentes realizadas por Marilda Novais Lipp, do laboratório de Estudos psicofisiológicos do stress da PUC de Campinas, identificou uma quarta fase, que foi denominada quase-exaustão e que ocorre entre as fases de resistência e esgotamento.”

Essa quarta fase estabelece o grau de desgaste do corpo diante das agressões físicas e biológicas, onde se estabelece o equilíbrio e determina a resistência, a adaptação ou a falência em resposta ao estresse.

As novas tecnologias quando são mal usadas, trazem prejuízos incalculáveis à sociedade. O uso do celular, tablet e outros aparelhos eletrônicos, em ambientes não adequados, ou em momentos inoportunos, principalmente em sala de aulas, no momento de explicação do conteúdo, prejudica a aprendizagem, desrespeita e estressa o professor.

Ser Professor

Ser professor é ter muita dedicação, saber compreender e lidar com as pessoas. É conviver em um meio de pessoas: crianças, jovens ou adultos muitas vezes de pensamentos e atitudes diferentes do seu tempo. A evolução tecnológica, a globalização, o desenvolvimento do homem, tudo isto levaram para um mundo diferente do passado. O Professor de hoje é muito diferente do professor do passado.

A atividade de ensino era considerada, desde os tempos mais remotos, como área nobre, na qual o professor era reverenciado por ser a fonte do saber e do conhecimento. No entanto, em culturas como a nossa, seu prestígio foi de-



crescendo, assim como os proventos oriundos deste labor, ocasionando uma série de implicações que se fazem sentir tanto no educador como no educando. Como salientam Nacarato, Varani e Carvalho (1998, p.74): “A expressão dar aulas oculta o papel de profissional e fortalece a imagem de doação – logo não remunerada – construída historicamente” (BENEVIDES-PREIRA, 2012, p. 2).

Pressupõe-se que a educação é o esteio da humanidade, em todas as sociedades, etnias, tribos existem o seu formato de educação. Os que sabem mais, passam as experiências para os outros, ensinam sua ética, sua cultura, mostram os caminhos para se desenvolverem e viver melhor. Aprendem, também com os que estão ensinando, existe uma relação de troca de informações e daí tem-se o professor.

Professor é uma profissão louvável, que merece respeito e consideração pela nobre missão de quem a exerce, de transmitir seus conhecimentos aos alunos. Infelizmente, ocorreu uma deterioração das condições da formação e da prática profissional do professorado no Brasil, hoje tão desvalorizado no próprio universo acadêmico, na mídia e na sociedade em geral. Diversos trabalhos na literatura mundial mostram que ser professor é uma das profissões mais estressantes na atualidade, (MELEIRO, 2002 p.15).

Ser professor é gratificante, é ter inspiração para exercer o magistério, é aprender a ensinar, a passar ideias, a facilitar a aprendizagem. Porém o estressante é lidar com alunos, adolescentes rebeldes que não têm uma educação doméstica adequada. Muitos pais são, muitas vezes, tolerantes demais, não deram limites aos seus filhos na fase de criança e que quando se tornaram adolescentes os pais perderam o controle e transferem para escola a responsabilidade da educação. Ao professor é atribuída a função de ensinar e educar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/1996, Dos Princípios e Fins da Educação Nacional, artigo 2º estabelece: A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. A LDB não deposita a responsabilidade apenas na escola, é dever da família primeiramente, depois vem a escola. Se o edu-



cando não detém a educação familiar, a escola nada poder fazer.

Os alunos geralmente não são detectores de uma educação familiar de bons princípios. Chegam à escola com vícios de maus comportamentos e atitudes. A família não cumpre o dever de educar para a vida.

Quando o coordenador chama os pais para uma conversa e coloca a real situação do seu filho adolescente no comportamento que ele tem na escola, tais como: aluno posto para fora de sala pelo professor por se comportar mal e atrapalhar a aula constantemente, pelo envolvimento do aluno com drogas, brigas entre alunos e diversos outros casos. Alguns pais culpam a escola, o professor e dizem que isto não acontece com o seu filho, principalmente quando o envolvimento é com drogas. Muitas vezes chegam a ameaçar, professor, coordenador e diretor dizendo que vão entrar com um processo na justiça contra a esses profissionais por difamarem o seu filho. Dizem que o filho é tranquilo e que já mais faria isto. O dados que geralmente se tem é que o adolescente já está totalmente envolvido nas drogas.

O Papel do Professor Perante os Alunos

O professor desempenha um papel fundamental com seus alunos, é preciso está com eles, conviver e falar muitas vezes a língua deles. Porém é preciso respeito e orientá-los para uma formalidade educacional, para um padrão de conceitos e éticas. Falar a língua deles não é aceitar tudo que o aluno quer dizer e sim mostrar os bons caminhos para uma educação de qualidade.

Geralmente os professores para melhor entender o aluno é preciso participar do mundo deles, em suas ideias e pensamentos para daí então introduzir os conceitos formais da educação. Percebe-se isto desde a pré-escola, a tia senta com a criança e brinca com ela, entra no mundo da criança para que ela se desenvolva. No ensino fundamental, geralmente até o 5º e 6º anos, os alunos tratam ainda de tia ou tio em uma relação amorosa, familiar. No ensino médio por consequência de uma maturidade no desenvolvimento do aluno não existe mais esse tratamento, porém a relação pessoal professor aluno



deve permanecer.

Até no ensino superior, em pós-graduação, em cursos profissionalizantes, ou em qualquer que seja o nível de ensino, deve existir um bom relacionamento do professor aluno e aluno professor para que exista uma educação de qualidade.

Já um professor do ensino médio precisa sentir-se jovem, ter uma linguagem que consiga atingir os adolescentes, ser capaz de conviver com um grupo forte, confrontador, opositivo, mas que necessita de regras claras, limites e afeto. Desse professor espera-se que esteja próximo do aluno, podendo orientá-lo e tornando-se um modelo positivo nessa fase marcada por intensos conflitos e ocasionada pela reavaliação de valores. (TRICOLI, 2002, p.97).

Muitas vezes nos ensinos, médio e superior não se evidencia uma boa relação professor aluno e vice versa, comprometendo assim a qualidade do ensino-aprendizagem. Isto constitui uma falha terrível na aprendizagem, pois como se pode ter uma relação de locutor ou interlocutor no processo de informações ou trocas de conhecimentos, onde não se inspira um ar de afetividade, de familiaridade. O professor é a peça chave para esse relacionamento, se isto não acontece cabe a ele essa parcela de culpa.

O professor é o dirigente, é o artista principal da peça, é ele quem conduz para aprendizagem na escola. Tem por, outro lado, o aluno que aprende, que se educa, que segue as orientações do professor, porém esses profissionais são responsabilizados por todos insucessos dos alunos, da escola e do sistema. Por mais capacitado que seja o professor no seu trabalho docente, só se ensina alguma coisa a quem se dispõe à aprender, daí então ele se depara com alunos rebeldes, sem compromisso, sem vontade de adquirir conhecimentos, sem vontade de pensar, infringindo assim todas as regras da sala de aulas, da escola, causando um trabalho enorme para o professor, elevando-o a um estresse e posteriormente possivelmente a síndrome de burnout.

O Professor deve ser amigo, está próximo ao aluno, ouvir e conversar, mostrar os bons hábitos. É preciso ter “jogo de cintura”, conquistar a confiança para poder então inserir os critérios educacionais. Não é tarefa fácil mas não é impossível e muitas vezes a criatividade do professor torna-se



importante para que exista um domínio da sala e um ensino melhor.

O perfil do professor precisa ser maleável e estar adequado com o aluno que ele tem, pois seu estresse será menor e conseqüentemente o trabalho passará a ser mais prazeroso.

Escola particular empresa e aluno cliente

Hoje em dia a maioria das escolas particulares tratam o aluno como um cliente e eles e seus pais sabem disso. A escola passa a ser uma prestadora de serviços, onde tem um relacionamento, com o cliente (aluno) e o professor funcionário da empresa. Alguns alunos chegam a dizer: meu pai está pagando logo eu posso fazer o que eu quiser, “estou pagando”. Segundo Meleiro (2002, p. 19):

[...], o limite e reflexo disso aparece na sala de aula, com adolescentes desrespeitando sistematicamente a figura da autoridade. Nas escolas particulares, muitos alunos, quando repreendidos, responde que o professor é pago por seus pais numa demonstração inequívoca de que se sentem no direito de fazer o que lhes der vontade; comportamento, infelizmente, reforçado por alguns pais.

Sabe-se que o atendimento a qualquer cidadão, em todos os segmentos da sociedade, seja ele como prestador de serviços ou não, é merecido de bom atendimento e de bons modos. Porém quando se coloca a escola particular simplesmente como empresa prestadora de serviços, o aluno como cliente e o professor como empregado, em uma relação de comércio, onde o cliente coloca “eu estou pagando” logo eu quero que tudo seja assim, o senhor é meu empregado, daí então, perde-se a essência da escola, do professor e de sua qualidade de ensino.

Subtende-se que a escola é um comércio, porém autônoma em relação à clientela, alunos e pais. Para a existência da escola existe ética, existem normas, pré-estabelecida pelos órgãos superiores, por exemplo o Ministério da Educação e Cultura (MEC). Pressupõe-se que não seja o dinheiro que vai direcionar as suas atividades e decisões, não é por estar pagando que o cliente, alunos ou pais,



vão mandar em suas atividades.

Pressupõe-se que a escola particular não deve ser uma qualidade negociada, deve ser uma qualidade por méritos. A prestadora de serviços a escola (empresa) e o aluno (cliente), não deve existir simplesmente um compromisso de satisfazer as vontades da clientela e sim um cumprimento de seus objetivos, que é promover o conhecimento e a aprendizagem. Na administração escolar esta relação não deve interferir nos objetivos da escola, como foi colocado anteriormente. O problema é que na prática acontecem fatos desta ordem e o professor é quem sofre com as consequências tendo muitas vezes o seu trabalho ameaçado, o desestímulo, levando ao estresse e ao desenvolvimento da síndrome de burnout.

A partir do momento que a figura do estudante/aluno/aprendiz se modifica e passa a ser figurado como cliente/consumidor, o qual é tratado como tal, podendo ser fidelizado, o direito do cidadão se perde e surge o direito do consumidor. Além disso, a escola na qualidade legítima de instituição comercial busca o lucro, o crescimento do número de clientes, com redução de custos para aumento da lucratividade, pois, passa a ser mais importante gerar o lucro nas instituições de ensino, ficando a qualidade deste ensino relegada a plano secundário. (SILVA, 2010, p. 15).

Pressupõe-se que esses problemas sejam os mais difíceis de lidar na administração escolar. É cobrado dos professores a qualidade e o sucesso dos alunos e principalmente a satisfação dessa “clientela”, ficando esses profissionais em situações difíceis de lidar, tendo as vezes seus direitos castrados e seu profissionalismo ameaçado. Mergulhado nesses problemas vem o fracasso e as angústias, vem a falta de prazer profissional, daí desenvolve-se o alto grau de estresse.

Encontrar maneiras de driblar a angústia, a ansiedade, o estresse, a exaustão e não desenvolver a Síndrome de Burnout, é muito valioso. Defende Meleiro que:

Tolerância, flexibilidade e capacidade de adaptação: vivemos numa era de mudanças que exige um talento especial de adaptação e flexibilidade, tanto na vida particular quanto na vida profissional. Aceitar as mudanças, entender que existe mais de uma maneira de resolver um problema, expandir nossos



horizontes para sermos capazes de compreender outras culturas e pessoas. ... Substituir pensamentos desagradáveis por imagens aprazíveis e viver o momento presente são maneiras de diminuir e administrar a ansiedade. (MELEIRO, 2002, p.25).

Sabe-se que não é fácil encontrar uma técnica para fugir do estresse, pois depende de cada um particularmente. Uma técnica que funciona para um pode não funcionar para o outro. Cada um pode encontrar a sua maneira de fugir dos problemas, do estresse, não é fácil, mas não é impossível.

O professor lida com pessoas, com alunos muitas vezes rebeldes, sem uma base alicerçada nos princípios morais e éticos familiares. A educação familiar desses jovens muitas vezes, são excluídas de sua realidade, não tiveram uma educação doméstica, de base, onde limitasse suas atitudes e comportamentos, estabelecesse princípios para convivência em uma sociedade de modelos éticos, no caso a escola. Os princípios morais e éticos dependem do ambiente de convívio, depende da sociedade, não se deve misturar as atitudes de um ambiente com as atitudes de outro. Isto é o que pode ser difícil para muitos jovens é a diferenciação comportamental ambiental. O comportamento das pessoas depende do ambiente que ela está inserida naquele momento.

A questão comportamental dos jovens é um fator primordial, geralmente não querem seguir a modelos culturais éticos de educação formal. Levam a vida na ilusão e apresentam resistência quando se impõe responsabilidades, não querem ter compromissos, querem sempre está fazendo novas descobertas e resistindo a qualquer modelo de educação. Isto reflete no trabalho do professor, que gostaria de levar seus alunos a uma educação de sucesso, de qualidade, que desmotivado por essas consequências desenvolve o estresse profissional.

Todos os esforços são válidos, tentado ficar mais fácil encontrar uma saída, o que não deve é se desesperar e se entregar. O trabalho é importante, porém a saúde, a vida, é mais ainda. Com calma e paciência todas as dificuldades podem ser resolvidas, podem ser superadas.



A Violência Escolar

A violência escolar é uma problemática na sociedade moderna que atrapalha, destrói e leva ao fracasso da função da escola. A qual tem como meta promover a educação. Sendo um dos fatores preponderantes que contribui para o aumento do estresse no professor, essa violência encontra-se nas escolas públicas e também nas privadas. No caso das escolas públicas a violência é de grandes proporções, sendo mais acentuada nas escolas particulares, porém mesmo em índice menor constitui para a degradação do ensino aprendizagem.

O professor convive com muitos problemas dos alunos que trazem para dentro da sala de aulas. Tais como: efeitos de drogas, alterando o seu comportamento, a questão do Bullying e muitos tipos de brincadeiras associadas aos adolescentes.

A respeito da violência escolar, estudos realizados por Silvia, (p.257) coloca que foram tomados um campo de seis escolas da Rede Municipal de São Paulo, onde foram coletadas informações de questões que possibilitassem posicionamento de diretores, coordenadores pedagógicos, professores e alunos sobre a problemática estudada. Silvia, coloca que.

Para melhor entender a problemática dos jovens e a relação destes com a violência no sentido mais amplo, procuramos analisar alguns estudos que tratam desta questão, destacando as pesquisas realizadas por Angelina PERALVA (1995) e Marília SPÓSITO (1994), que focalizam o jovem em determinadas práticas de violência, inclusive com ele próprio, como é o caso dos surfistas ferroviários na Cidade do Rio de Janeiro, estudados por PERALVA. (SILVIA, 1997, p.258).

Destacada com grande ênfase neste estudo é a característica desses jovens surfistas na emoção por infringir normas e a necessidade de enfrentar o medo da morte. Que é uma realidade muito próxima da população de baixa renda localizada nas grandes metrópoles como exemplo Rio de Janeiro e São Paulo. Ainda nesta pesquisa realizada por Silvia, (1997, p.259), para os alunos:



“[...] violentar é romper a liberdade e os direitos do cidadão. É alguém que passa dos limites e invade a privacidade do outro. É a falta de solidariedade e o desrespeito aos direitos dos humanos. É a agressão física, psicológica, sexual e moral”.

Já para diretores, coordenadores pedagógicos e professores, a percepção apresentada com maior frequência é a da violência enquanto descumprimento das leis e derivada da falta de condições materiais da população, associando-a à miséria, à exclusão social e ao desrespeito ao cidadão.

“[...] violência é atingir o direito do outro, o direito de viver, de trabalhar. É o descumprimento das leis em todos os sentidos. É a fome, o preconceito, o autoritarismo e a perda da dignidade”.

Nestas falas, foi importante observar que as condições precárias de trabalho e de salário foram destacadas pelos professores como atitudes de desrespeito e de violência por parte dos governos.

Nesta pesquisa, os professores e alunos associam as causas da violência às condições sociais, tais como a desigualdade social, ao desemprego, a falta de educação familiar, aos problemas familiares e a influência da mídia, filmes e os programas de televisão.

Considera-se aqui alguns relatos, debates e pesquisas sobre a violência escolar e seus principais fatores desencadeadores. Segundo Aquino.

A escola, como qualquer outra instituição, está planejada para que as pessoas sejam todas iguais. Há quem afirme: quanto mais iguais, mais fácil de dirigir. A homogeneização é exercida através de mecanismo disciplinares, ou seja, de atividades que esquadriham o tempo, o espaço, o movimento, gestos e atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores, impondo aos seus corpos uma atitude de submissão e docilidade. Assim como a escola tem esse poder de dominação que não tolera as diferenças, ela também é recortada por formas de resistência que não se submetem às imposições das normas do dever-se. (...) O professor imagina que a garantia do seu lugar se dá pela manutenção da ordem, mas a diversidade dos elementos que compõem a sala de aula impede a tranquilidade da permanência nesse lugar. Ao mesmo tempo que a ordem é necessária, o professor desempenha um papel violento e ambíguo, pois se, de um lado, ele tem a função de estabelecer os limites da realidade, das obrigações e das normas, de outro, ele desencadeia novos dispositivos para que o aluno, ao se diferenciar dele, tenha autonomia sobre o seu próprio aprendizado e sobre sua própria vida. (AQUINO, 1998. p.12).



A escola tem um objetivo a cumprir, daí impõe normas critérios, comportamentos e compromissos para serem cumpridos pelos professores e alunos.

A comunidade escolar a qual está inserida à escola (diretor, coordenadores, professores, funcionários e alunos) convive em regime de obedecer normas padronizadas e preestabelecidas por um padrão social que impõe critérios formais para um modelo de sociedade. A escola impõe um modelo de sociedade, o professor cumpre e impõe aos seus alunos um formalismo social. Essas normas, muitas vezes são vistas, segundo cita Aquino, (1998, p.12), como um papel opressor e violento aos seus alunos.

Marra (2007) coloca, em seu livro, *Violência Escolar*, que:

As aulas interessantes que os alunos demandam e recomendam para combater a violência ficam muito longe de sua aspiração e aprisionam o aluno na escola, em submissão a modelos tradicionais de ensino em pleno século XXI. Essa submissão provoca a insubordinação por meios não socialmente aceitáveis, tal como violência anônima nomeado por Maffesoli, quando a frustração das expectativas irrompe em formas irracionais de demanda. (MARRA, 200, p. 111).

A escola hoje, pouco tem evoluído em sua forma de ensinar. Ainda se tem a repreensão, o castigo e a obrigação do aluno em suas atividades pedagógicas. Isto tem como consequência para o aluno um ódio, um pavor, uma rejeição da escola, prejudicando assim o ensino-aprendizagem. O aluno mudou, é diferente do aluno do passado e a pedagogia sofreu suas inovações porém a escola continua em parte desatualizada sem acompanhar o desenvolvimento dos jovens. No tópico seguinte discute-se essa questão da escola, professor e aluno.

Abramovay e Rua, (2002) no livro *Violências nas Escolas*, coloca que: a percepção do fenômeno das violências nas escolas é produto de uma construção a partir de histórias vividas e recolhidas pelos diversos atores em suas memórias e nas relações sociais que estabelecem ao longo de suas vidas.



Assim, tendo como meta escolas sem violências, é de indiscutível importância identificar medidas para que essas se apresentem como espaços seguros para todos os seus membros. Certamente, é consensual na sociedade que a segurança escolar constitui um valor em si mesma, uma vez que afeta a vida, a integridade física, emocional e psicológica de alunos, professores, funcionários e pais. Ademais, a violência ou ameaça de violência – em suas diversas modalidades -tem um impacto direto na qualidade da educação, no modo como professores e estudantes desenvolvem seu trabalho em sala de aula, no ambiente escolar, no rendimento dos alunos e na qualidade de vida das suas famílias.(ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 321).

Segundo Aquino (1988), a imagem da escola entre nós parece ter sido substituída, grande parte, por uma visão difusa de um campo de pequenas batalhas o suficiente para causar uma espécie de mal-estar coletivos nos educadores brasileiros.

Para manter a ordem, cumprir normas, cumprir leis, o respeito e seguir modelos padronizados desempenha-se, naturalmente, um papel opressor em todos os segmentos da sociedade, seja ele na escola ou em outro meio de atividade social qualquer.

Escola do Século XIX, Professor do século XX e Aluno do Século XXI

Hoje em dia temos um ensino fora da atualidade, ultrapassado, as escolas, o formato de ensino e os professores não estão em consonância com os alunos. Vivenciamos um choque de três gerações, hoje as informações chegam ao jovem em tempo instantâneo, não se sabem ainda lidar nas salas de aulas, com tecnologias que os alunos têm em mãos, as facilidades de adquirir informações é muito grande. Fazer pesquisas procurar novos conhecimentos, aprender coisas novas, tudo isto tornou-se muito mais fácil. Porém essas tecnologias contribuem para dispersar o aluno em sala de aulas e daí não se desperta a vontade de aprender, atraindo-os para o entretenimento.

O professor fica preocupado com toda essa situação, a escola cobra bons resultados e o clima tenso começa a surgir levando a um estresse crescente. Alguns criticam por que as escolas proíbem o uso do celular pelos alunos em sala de aulas, deveriam usar para pesquisas. O problema é que esses



alunos usam o celular, para jogar, assistir filmes, tirar fotos, conversar pelas redes sociais, escutar músicas e não utilizam para fazer pesquisas. É muito difícil para o professor administrar essa situação, mas não descarta-se a possibilidade de introduzir esses critérios. O adolescente não quer ter compromissos, responsabilidades, para eles é chato e incomoda, por outro lado as escolas estão ultrapassadas. O professor deve cumprir programa e normas, tudo é formado por um sistema. Descreve-se um trecho de uma entrevista com Mozart Neves Ramos¹, a revista Valor Econômico (SP), onde ele afirma:

O péssimo desempenho dos alunos na prova de redação do Enem, o desalento dos jovens chamados “nem-nem” (nem trabalham nem estudam) e os altos índices de evasão Escolar no Ensino médio são exemplos de problemas atuais da Educação do jovem brasileiro que têm origem em um mesmo gargalo: a incapacidade das Escolas em motivar, atrair e dialogar com os jovens. (RAMOS, 2015).

Não é só a escola a responsável pela educação, a família tem sua responsabilidade na educação dos jovens, os primeiros aprendizados, os ensinamentos, a ética, o aprender a ser cidadão está no berço familiar.

Ainda nesta entrevista, defendendo a utilização de novas TICs (Tecnologias de Informações e Comunicações), em sala de aulas, Ramos (2015), coloca que:

Em uma de suas aulas, Mozart foi surpreendido quando um estudante usou o celular para acessar a internet e esclarecer ali uma dúvida que ele havia prometido responder apenas na aula seguinte, uma prática bastante comum entre os Professores dos tempos pré- Google. Com o episódio, diz ter aprendido uma lição que vale para todo Professor que quiser aprimorar o nível de aprendizado. “A informação hoje não está mais só com o Professor. O Aluno não vai mais aguentar alguém só falando por uma, duas, três horas, só escutar.”

O professor fica meio travado com o sistema, sem saber o que fazer, fica complicado

1 Mozart Neves Ramos, diretor de articulação e inovação do Instituto Ayrton Senna, Doutor em química pela Unicamp e reitor da Universidade Federal de Pernambuco entre 1996 e 2003. Membro do Conselho Nacional de Educação (CNE), diretor-executivo do movimento Todos Pela Educação e presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior.



interagir com três séculos em um mesmo ambiente, Escola do século XIX, professor do século XX e aluno do século XXI. Temos grandes passos a ser percorridos até que haja uma efetiva melhoria no nosso sistema educacional. Talvez para o futuro esses problemas sejam sanados e tenhamos uma escola de qualidade, promissora, um ambiente prazeroso, onde se aprenda e se produza conhecimentos.

Uso de Tecnologias de Informações e Comunicação em Sala de Aulas

Hoje em dia, as tecnologias de informações fazem parte de nossas vidas e têm uma importância imensa para o nosso bem estar. Porém o mau uso dessas tecnologias constitui, um vício, um comportamento inadequado e às vezes torna-se um perigo para o usuário. Saber lidar com essas tecnologias no ambiente adequado é importante, pois o comportamento de cada pessoa depende do local que ela se encontra.

O uso de celulares, tablets e laptops, é cada vez mais frequente em salas de aulas pelos alunos. As novas tecnologias permitem acesso rápido de informações e as interações online através das redes sociais permitem as conversas em grupos. Segundo Ferreira (2014), “O acesso a informação fica mais rápido, fica mais objetivo, [...], é necessário que o aluno entenda a diferença entre entretenimento e o conhecimento e ter consciência respeitando os limites desse uso dentro da sala”.

A Escola não está preparada para essas TICs (Tecnologias de Informações e Comunicações) e o professor não aceita o uso pelos alunos, pois é proibido pela escola, existe uma Lei do Estado de Pernambuco, Lei Nº 15.507, DE 21 de maio de 2015, que proíbe o uso de celular em sala de aulas, de uma forma geral os outros estados também têm Lei proibindo o uso do celular. Isto mostra a necessidade de novas pedagogias, de mudanças profundas no sistema educacional.

A verdade é que a escola não está preparada para a atualidade, falta desenvolver metodologias, para lidar com os jovens atuais. Anteriormente debateu-se o tópico: Escola do Século XIX, Professor do Século XX e Aluno do Século XXI, isto demonstra a grande problemática existente



na escola, dificultando mais ainda o trabalho do professor. Segundo Almeida (2014), “A tecnologia precisa está à mão para a produção de conhecimento dos alunos à medida que surja a necessidade”.

Pressupõe-se que usar as TICs em sala de aula não seja fácil, porém pode ser bastante inovador, com resultados surpreendentes. Para isto precisa que o professor esteja preparado. Ainda Segundo Almeida (2014) “Em um mundo cada vez mais globalizado, utilizar as novas tecnologias de forma integrada ao projeto pedagógico é uma maneira de se aproximar da geração que está nos bancos escolares”.

Alguns Educadores defendem o uso de Tecnologia de Informação e Comunicação em sala de aulas, pois acreditam que ajuda a prender a atenção dos alunos. Partindo do pressuposto de que o ser humano vive em uma constante transformação, então as mudanças que estão ao seu redor deve constitui inovações para superar as dificuldades do dia a dia. O avanço tecnológico, a globalização nos tempos atuais trazem ferramentas para novas inovações na educação.

Devido à nossa sede de evoluir, ao longo do tempo a humanidade foi mudando conceitos, adaptando comportamentos e convergindo conhecimentos. Sendo assim, o ser humano foi criando formas de se aproximar cada vez mais de seus semelhantes e aperfeiçoou suas comunicações a ponto de não existirem mais distâncias que não pudessem ser vencidas. (MARTINS, 2014, p.1).

Os tempos evoluíram e a educação de hoje não é mais a dos tempos passados. O que é preciso entender é que hoje precisa-se adquirir um novo formato de educação, no qual tenha-se as TICs auxiliando em sala de aulas.

Com o desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação a informação chega ao aluno em tempo instantâneo. Aprender as coisas, estudar, ficou muito mais fácil, só é preciso saber usar essas ferramentas.

Hoje, graças a tecnologia de informação e comunicação, aprender depende cada vez menos do professor, defende Moran. Porém a importância principal do papel do professor é ajudar ao aluno a interpretar os dados, a conduzi-lo para essência da informação vivenciando emocionalmente.



Ensinar e aprender exigem hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação. Uma das dificuldades atuais é conciliar a extensão da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento da sua compreensão, em espaços menos rígidos, menos engessados. Temos informações demais e dificuldade em escolher quais são significativas para nós e conseguir integrá-las dentro da nossa mente e da nossa vida. (MORAN, 214, p.01).

Aprender depende principalmente do aluno, primeiro ele tem que despertar a vontade de aprender. Não se ensina nada a alguém, quando este não se dispõe à aprender. O aluno deve estar preparado emocionalmente para incorporar a informação.

O aluno tem em mãos instrumentos tecnológicos de última geração e acesso rápido às informações. É preciso saber interpretar essas informações e relacioná-las com a prática da vida real. Daí a fundamental importância da presença do professor.

As novas tecnologias não substituem o professor, mas modificam algumas de suas funções. O professor transforma-se agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar as informações. Ele coordena o processo de apresentação dos resultados pelos alunos, questionando os dados apresentados, contextualizando os resultados, adaptando-os para a realidade dos alunos. O professor pode estar mais próximo dos alunos, receber mensagens via e-mail com dúvidas, passar informações complementares para os alunos, adaptar a aula para o ritmo de cada um. Assim sendo, o processo de ensino-aprendizagem ganha um dinamismo, inovação e poder de comunicação até agora pouco utilizados. (BASSO, 2004, p. 06).

Por outro lado o uso inadequado dos aparelhos eletrônicos em sala de aulas é uma problemática preocupante. Até mesmo restringidos por lei, como citado anteriormente no caso do celular, porém cabe a escola e principalmente ao professor administrar da melhor maneira possível, tornando esse aparelho como uma ferramenta de uso pedagógico.

O uso de celulares, tablets e laptops são cada vez mais frequentes em sala de aulas por parte



dos alunos e isto, atualmente, constitui um problema de indisciplina em sala de aulas.

Se há 40 anos já não era fácil atrair a atenção e o interesse dos alunos que não tinham em mãos celulares ricos em tecnologia, tablets e laptops, hoje em dia essa tarefa tornou-se muito mais difícil, pois esses aparelhos são recheados de aplicativos e jogos extremamente atrativos.

Globalização: Conceito e Origem, Sua Contribuição na Educação

A Globalização “Aldeia Global” é a integração econômica, social, cultural e política, gerada pela necessidade da dinâmica do capitalismo. Segundo Silva, o barateamento dos meios de transporte e comunicação dos países do mundo, principalmente ao final do século XX e início do século XXI permitiu maiores mercados para os países desenvolvidos.

Considera-se como início da Globalização moderna a fim da Segunda Guerra mundial. Onde para o futuro da humanidade foram criados mecanismos diplomáticos e comerciais para aproximar cada vez mais as nações uma das outras. Deste consenso dá-se origem a Organização das Nações Unidas – ONU, daí então Surge o conceito de bloco econômico e logo após a fundação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço – CECA.

A globalização se expande por todas as áreas da sociedade, principalmente comunicação, comércio internacional e educação. A integração e o desenvolvimento das nações ao redor do planeta, pode ser utilizada como uma força propulsora de redução das desigualdades internacionais e de um mundo melhor. As sociedades do mundo estão em processo de globalização desde o início da História, porém a globalização é bem mais recente, datando do fim da Segunda Guerra Mundial (1945) em diante.

Considera-se como principais características da globalização, a universalização das culturas populares locais e de massa. A homogeneização dos centros urbanos, a expansão das corporações para regiões fora de seus núcleos geopolíticos, a revolução tecnológica nas comunicações e na eletrônica.



Os benefícios da globalização estão nos destaques do cenário mundial pelo rápido crescimento das suas economias em desenvolvimento. Os grandes países emergentes chamados de BRIC – Brasil, Rússia, Índia e China, têm grandes crescimentos em suas relações comerciais em desenvolvimento, apesar das grandes diferenças religiosas, políticas e governamentais.

Os meios de comunicações tiveram um avanço imensurável com a globalização. A internet, a rede mundial de computadores, permitiu que a comunicação, as informações, o fluxo de troca de ideias chegassem a cada uma das pessoas em tempo mínimo, em tempo instantâneo. Se antes uma pessoa estava limitada a imprensa local, hoje ela pode observar as informações do mundo inteiro e se tornar parte da imprensa. As pesquisas que um estudante fazia em uma biblioteca, sobre temas que às vezes não encontraria na acervo de livros, hoje ele dispõe de resposta imediata através da internet.

Outra característica da globalização se encontra na acessibilidade dos aparelhos eletrônicos. Hoje os aparelhos de celulares, notebooks, microcomputadores são bem mais acessíveis aos consumidores. Uma inovação criada em qualquer outro país, por exemplo o Japão, geralmente aparece no mercado brasileiro em pouco tempo.

A qualidade de vida das pessoas também teve uma melhoria com a globalização. O avanço tecnológico, fabricação de novos medicamentos para curar ou controlar doenças que até então eram incuráveis, novos equipamentos cirúrgicos, aumento da produção de alimentos e barateamento dos mesmos, tudo isto constitui benefícios da globalização.

A globalização nos trouxe uma quantidade imensurável, de fatores positivos. No comércio, meios de comunicações, no avanço tecnológico e na educação. Porém, como tudo na vida, tem seu lado positivo e seu lado negativo, a globalização também afeta outros países no caso de uma crise local.

Influências da Globalização na Educação

A educação sofre influências diretas com a globalização que vem interferindo nas políticas



educativas de maneira profunda e significativa, acarretando consequências negativas. As instituições de ensino passam a se manter comercialmente ativa em uma relação de empresa (escola) e clientes consumidores (alunos) que por sua vez fazem valer seus interesses particulares.

Segundo Silva (2010), “Diante desse novo quadro de modernidade de conceitos econômicos e comerciais, a escola passou a ser cobrada por mudanças curriculares que fossem mais adequadas às novas necessidades”. Surgiram várias reformas nos sistemas de Ensino Público com o objetivo de fazer com que a educação fosse voltada para as necessidades da produção. As reformas educacionais do Ensino Básico estão inseridas nesse contexto. A meta era atender as exigências do Banco Mundial para adquirir financiamentos externo disponível para educação.

Percebe-se atualmente que a qualidade da educação é questionável. Que cada vez mais se sentem a necessidade de adoção de conteúdos e métodos pedagógicos mais interacionistas, atuais e reflexivos que contemplem uma educação de qualidade. A final de contas, o aluno de hoje é diferente do aluno do passado, a realidade atual, os acontecimentos atuais são diferentes.

O professor está inserido no processo educativo como mediador, orientador e facilitador da aprendizagem. O seu papel tem uma importante valorização na concepção crítica do conhecimento, na formação do aluno. Segundo Esteve, apud (1999), “Assumir as novas funções que o contexto social exige dos professores supõe domínio de uma ampla série de habilidades pessoais que não podem ser realizadas ao âmbito da acumulação do conhecimento”

Segundo Libâneo, apud (1991), a educação é um processo complexo de influências e inter-relações que colaboram com a formação de caráter humano, e conseqüentemente, para a concepção de valores, atitudes e comportamentos. Isto tem como objetivo a um desenvolvimento de uma sociedade, onde se tenha menos desigualdades sociais e um mundo melhor para todos.

Nas últimas décadas a globalização tem efeitos mais intensificados, a partir dos anos 90 houve um aumento na competitividade científico-tecnológico. No Brasil, as reformas educacionais têm trazido mudanças significativas para os trabalhadores docentes. A LDB 9.394 de 1996, é a legislação brasileira, atual, que regulamenta o sistema educacional público ou privado da educação básica ao



ensino superior. A primeira LDB foi promulgada em 1961, (LDB 4024/61) e a LDB 9.394 veio substituir a anterior. A segunda vez na história, que a educação Brasileira conta com uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que regulamenta todos os seus níveis. As reformas, os objetivos, a preparação para cidadania e para o trabalho, o direito à educação garantido pela Constituição Federal estão claramente inseridos nesta Lei.

As transformações sociais, as reformas educacionais e os modelos pedagógicos provocaram mudanças na profissão dos professores. De uns vinte anos para cá ser professor representante, um coitado, de baixos salários, um sofredor, sem prestígio social, ao contrário de anos anteriores que ser professor era uma profissão respeitada.

Até os anos 60, a maior parte dos trabalhadores do ensino, gozavam de uma relativa segurança material, de emprego estável e de um certo prestígio social. Já a partir dos anos de 1970, a expansão das demandas da população por proteção social provocou o crescimento do funcionalismo e dos serviços públicos e nos últimos vinte anos a globalização de natureza veloz, que nos acompanha, modificando toda a organização do trabalho escolar e principalmente a trabalho docente, mostram-se à frente da educação e por isso, os professores são vistos como os principais responsáveis pelo desempenho dos alunos, da escola e do sistema. (SILVA, 2010, p. 17).

Com todas essas consequências trazidas pela globalização, contribuiu para que a profissão de professor ficasse bem mais difícil de exercer atualmente. O trabalho em sala de aulas é muito estressante, por consequência do mau comportamento dos alunos, falta de respeito ao professor e aos próprios colegas, falta de vontade de aprender. Tudo isto leva a um estresse crescente até atingir a síndrome de burnout.

Os Transtornos Mentais e a Síndrome de Burnout

Os transtornos mentais atualmente, compõe uma das principais causas de afastamentos do trabalhador por longos períodos. As atividades laborais desenvolvidas por trabalhadores que lidam



diretamente com o público acarretam em muitos deles transtornos mentais e desenvolvimento da Síndrome de Burnout.

O estresse de trabalhadores de diversas atividades profissionais tais como professores, área de saúde, policiais, motoristas de coletivos entre outras levam a uma vulnerabilidade causando um desgaste emocional podendo desenvolver a Síndrome de Burnout. Segundo Codo apud (1999), “o estresse prolongado pode ou não levar a um desgaste geral do organismo, dependendo da sua intensidade, duração, vulnerabilidade do indivíduo afetado e sua habilidade em administrá-lo.

Muitas pesquisas têm sido feitas e muitos trabalhos publicados sobre o estresse e síndrome de burnout, sendo este caracterizado pelo estresse crônico. Segundo Andrade e Cardoso (2012, p.132).

O estresse é um processo caracterizado por um conjunto de reações – fisiológicas, psíquicas e até mesmo comportamentais – de adaptação que o organismo emite quando exposto a qualquer estímulo, uma forma de adaptação para restabelecer o equilíbrio (Pafaro e Martino, 2004; Lipp, 2000). É uma reação de defesa e adaptação frente a um agente estressor.

É importante saber lidar com o estresse para não se afundar nas questões emocionais prejudicial à saúde. Muitas vezes é preciso criar um mundo virtual, fugir da realidade e viajar pelo mundo da fantasia para assim encontrar uma saída e viver melhor. Porém o difícil é uma pessoa ter essa capacidade de fuga, mas com um certo esforço pode-se encontrar uma saída. Posteriormente descreve-se um tópico sobre as Soluções para Driblar o Estresse.

O Stress profissional é um mal que vem evoluindo com o passar dos tempos e se agravando, com maior intensidade, em determinadas profissões. Hoje o homem inserido numa sociedade exigente com preocupações e compromissos múltiplos tem uma carga de esgotamento muito maior que no passado.

Meira (2002), defende que:

O stress é definitivamente um tema que hoje parece compor uma leitura de um mundo assolado por mudanças aceleradas num cenário de grandes trans-



formações. Dessa situação emergente, desponta, fruto dessa mesma condição, o ser humano estressado ou a beira de um stress, carregado de sintomas como irritação, nervosismo, cansaço, entre outros. Predisposições se encarregam de aumentar esse número, e o stress é considerado como o grande mal do nosso tempo. MEIRA (2002, p. 29).

Pressupõe-se que o stress esteja associado a sociedade moderna, atingindo os adultos, jovens, idosos e também as crianças. Um dado interessante que se tem conhecimento é que “num grupo de pessoas submetidas às mesmas pressões, algumas se estressam outras não” Meira (2002, p.30). Com a evolução desse estresse da origem a Síndrome de Burnout.

Os danos causados pelo Burnout aos profissionais acarretam riscos imensuráveis à sua saúde e também prejuízos a empresa onde trabalham e principalmente aos cofres públicos.

Em estudo de equipe pertencente à OMS, considerou-se o burnout como uma das principais doenças dos europeus e americanos, ao lado do diabetes e das doenças cardiovasculares. Nos Estados Unidos, o estresse e problemas relacionados, caso do burnout, provocam anualmente gastos calculados em mais U\$ 150 bilhões para as organizações. Os sintomas da síndrome influenciam diretamente a produtividade e a qualidade do trabalho desses profissionais, além de introduzir ao absentismo, que se tem como principal consequência a desorganização do trabalho em equipe, a sobrecarga do trabalho para os demais e a insatisfação dos trabalhadores. (MENEGALI, et all. 2010, p.78).

O burnout, como consequência de um estresse crônico e prolongado não ocorre de repente, é um processo cumulativo que vai evoluindo. Começa com pequenos sinais, às vezes imperceptíveis e evolui, podendo levar o professor a uma sensação de desespero, de fracasso e de terror, defende Reinhold (2002, p.64).

O burnout pode se manifestar de várias maneiras distintas, variando de pessoa para pessoa. Reinhold (2002), defende que:

Alguns professores podem sentir raiva e atribuir culpa a fatores externos; outros se calam, isolam-se, tornam-se introvertidos, o que pode indicar o início de uma depressão. Outros manifestam burnout comendo demais ou de menos



ou abusando de álcool e outras drogas. Outros ainda podem apresentar sintomas físicos, incluindo doenças crônicas, hipertensão e dores de cabeça frequentes. Alguns professores se tornam “viciados” no trabalho. Ou se atrasam sistematicamente para o trabalho, ou tornam-se psicologicamente ausentes durante as aulas. (REINHOLD, 2002 p.67).

São as várias formas de desenvolver o burnout, não existe uma maneira apenas, são muitas as causas, em cada professor os sintomas podem se apresentar de maneiras diferentes.

O burnout (“consumir em chamas”) é um alto nível de estresse ocupacional caracterizado por um profundo sentimento de frustração e exaustão em relação ao trabalho. O burnout é desenvolvido por muitas profissões, principalmente por profissionais que trabalham diretamente com o público, como nas áreas de educação, saúde, assistência social, recursos humanos, agentes penitenciários, bombeiros, policiais e muitas outras. Todas essas profissões que estão diretamente envolvidas com o público, apresentam o risco de desenvolver a Síndrome de burnout.

Segundo o Dr. Dráuzio Varela², (2011, p.05) a síndrome de burnout, “é um distúrbio psíquico descrito em 1974 por Freudenberger, um médico americano. O transtorno está registrado no Grupo V da CID-10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde)”.

A síndrome de burnout se instala da sensação de esgotamento físico e emocional que reflete em atitudes negativas. A irritabilidade, falta de humor, sobrecarga de trabalho, ansiedade, sensação de um trabalho desrespeitado, tudo isto leva a um esgotamento emocional com elevado grau de estresse e a possível síndrome de burnout.

Na literatura atual não se tem muitas coisas sobre a síndrome de burnout, é um tema novo, tem mais trabalhos de conclusão de curso (TCC) e artigos científicos publicados em revistas. Existem poucos livros que tratam do assunto, talvez por se tratar de um tema que despertou a atenção em momentos atuais. Momentos em que a humanidade tem grandes preocupações com situações que

2 Dr. Dráuzio Varela, é médico cancerologista, formado pela USP. Nasceu em São Paulo, em 1943. Foi um dos fundadores do Curso Objetivo, onde lecionou química durante muitos anos. Escritor de muitos livros, entre eles: Aids Hoje, Estação Carandiru (Companhia das Letras): Prêmio Jabuti de 2000. Publicado em 1999. O Médico Doente.



antigamente praticamente não existia e que hoje faz parte de sua convivência.

Porém o estresse data de bastante tempo da humanidade, atualmente é que se tem dado ênfase em estudos relacionados a esse tema. A professora e pesquisadora da PUC, Amarilda Emmanuel Novais Lipp, é que tem muitos trabalhos relacionados ao estresse do professor.

Acredita-se que o estresse é o mal do século, que atinge os profissionais dos tempos modernos. Um mundo globalizado, o avanço tecnológico, novas preocupações para vida da humanidade, tudo isso contribuem para o desenvolvimento do estresse até atingir situações críticas e desenvolver o burnout.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que o estresse é uma epidemia global, em que o homem contemporâneo vivencia enormes exigências de atualização e é chamado constantemente a lidar com novas informações. O ser humano cada vez mais se vê diante de responsabilidades, obrigações, autocrítica, dificuldades fisiológicas e psicológicas (Selye, 1996), além de inúmeras situações às quais precisa adaptar-se, como por exemplo diante de demandas e pressões externas vindas da família, do meio social, do trabalho/escola e/ou do ambiente. (ANDRADE E CARDOSO, 2012, p. 130).

As pressões vindas da parte financeira, a mau remuneração, associada à vida laboral constitui o conjunto de problemas para o desenvolvimento do estresse.

Pressupõe-se que seja preciso saber viver em um mundo complexo, cheios de deveres, compromissos e conviver com pessoas de pensamentos e diferentes.

Viver em um mundo de calma e tranquilidade é quase impossível. Está-se sempre diante de pressões externas como citado anteriormente, porém não se deve desesperar e afundar nos seus próprios problemas. Deve-se ter em mente que cada dia é um novo dia, apaga-se tudo que passou no dia anterior e prepara-se para vencer os desafios do novo dia.

Reinhold (2002, p.64), descreve a evolução para o desenvolvimento do burnout em um quadro mostrado na figura 1.

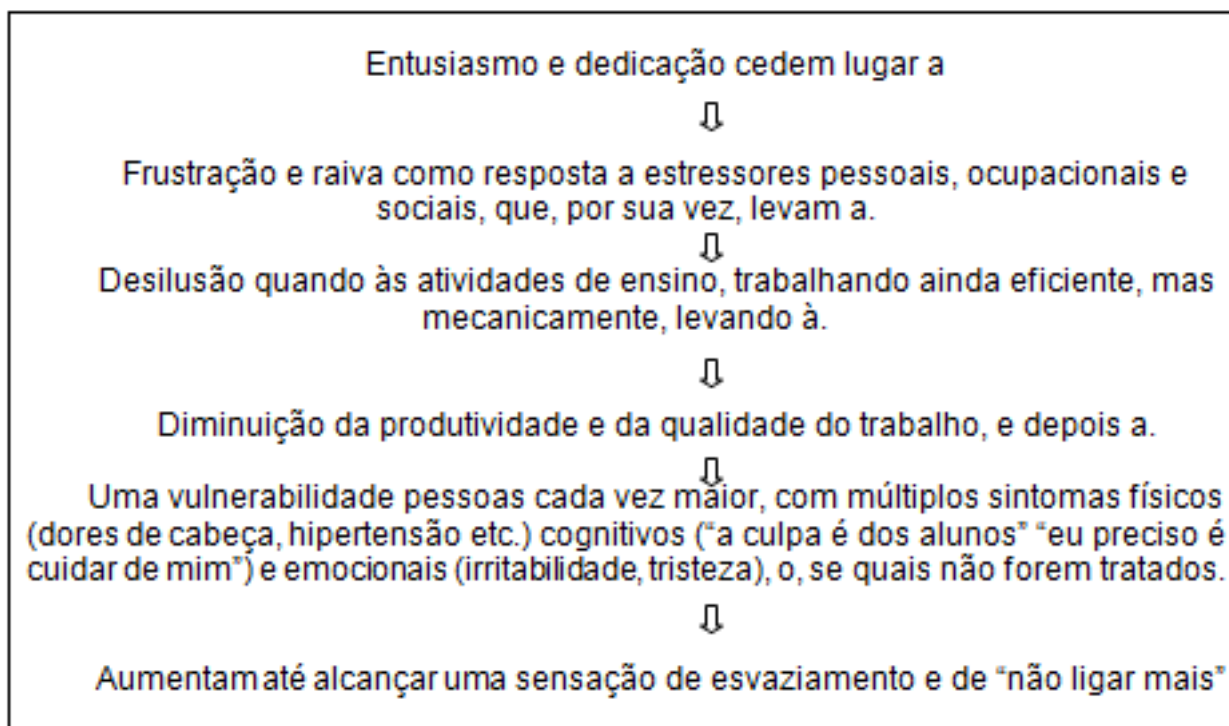
Esse quadro mostra uma realidade bastante comum em professores, onde muitos deixam a



profissão porque não conseguem lidar com fatores estressantes.

O controle emocional constitui uma técnica difícil de controlar, porém é preciso que se tenha manejos de descarregar o estresse, pois a vida torna-se difícil quando se afoga nos problemas, o trabalho pode ser prazeroso, é só procurar sentido no que faz.

Figura. 1 - PASSOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO BURNOUT



Fonte: Reinhold, 2002. P.64

Muitos profissionais aprendem técnicas de enfrentamento para driblar o burnout e procuram ter êxito e continuar na profissão.

A Síndrome de Burnout, tem classificação na OMS, é tratada como uma doença, segundo Andrade e Cardoso (2012, P.133).

A Síndrome de Burnout, assim como o estresse, o esgotamento, a falta de



repouso e lazer adversidades no modo de vida, ou seja, os transtornos mentais e do comportamento relacionados ao trabalho, foram classificados no grupo V da classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, reconhecida pela sigla CID (International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems/ICD). A CID é resultante do esforço da OMS no estabelecimento de uma classificação internacional de doenças relacionadas com a saúde. Em 1988, foi lançada a primeira CID, que é revista periodicamente e encontra-se, desde 1992 na sua décima edição, por isso possui a denominação de CID-10, como é conhecida. A maioria dos países passou a adotá-la desde então. A Síndrome de Burnout é classificada no inciso XII, sob o código Z73 (Brasil, 2002).

A Síndrome de Burnout causa sérios transtornos emocionais iniciado pela exaustão emocional dos profissionais. Segundo Andrade e Cardoso (2012, p.133). “No Brasil, desde maio de 1996, as regulamentações da Previdência Social, consideram a Síndrome de Burnout como um dos ‘agentes patogênicos causadores de doenças profissionais’ no grupo das doenças consideradas de etiologia múltipla”.

O desafio do labor do professor normalmente, assim como todas as profissões, está sempre sujeito a um estresse natural. Porém o agravamento desse estresse por consequências vindas dos diversos meios externos, acumulados aos da sua profissão, acarreta o desenvolvimento da Síndrome de Burnout.

Para verificar se a pessoa está com burnout, Meleiros, (2002, p.68), elaborou o quadro - SÍNDROME DA EXAUSTÃO NO TRABALHO – BURNOUT, do anexo I. Existem vários questionários para detectar a Síndrome de Burnout, porém o mais importante e mundialmente o mais aceito é o questionário Maslach Burnout (MBI) apresentado no anexo III.

Verifica-se certa diferença entre os dois questionários, porém ambos têm o mesmo objetivo, que é detectar o grau de estresse desenvolvido pelos profissionais através da soma de suas respostas ou da análise de uma quantidade de sintomas sentidos em um determinado período.

O burnout atualmente tem sido muito estudado, porém tem poucos livros sobre o assunto. Trata-se de um problema recente, segundo Carlotto & Câmara (2004, p.499) o termo Burnou foi usado



pela primeira vez pelo médico psicanalista, novaiorquino, Freudenberg, em seus estudos na década de 70, sendo mais preciso de 1974 à 1977. que descreveu este fenômeno como um sentimento de fracasso e exaustão causado por excessivo desgaste de energia.

Para detectar a síndrome de burnout através do questionário elaborado por Meleiros(2002, p.68), anexo I,SÍNDROME DA EXAUSTÃO NO TRABALHO– BURNOUT,

BURNOUT, leia com atenção e assinale a primeira resposta que vier à sua cabeça, pois ela corresponderá ao seu verdadeiro estado emocional.

Some os pontos considerando um ponto para a resposta que você assinalou SIM e zero para a NÃO. Se você obteve:

De 0 a 8 pontos (sim): Você está conseguindo enfrentar de modo saudável seu trabalho; a sua probabilidade de sucesso profissional é grande; a determinação em suas atitudes diárias é benéfica; esteja alerta quando sentir que algo mudou.

De 9 a 17 pontos (sim): Sua vida está ficando complicada; o trabalho não lhe traz gratificação; reveja o que pode ser mudado, pois ainda é tempo. Você tem que planejar melhor suas atividades e Lembrar que merece descansar, ter lazer e descontrair-se.

De 18 a 25 pontos (sim): É necessário mudar muito o comportamento diante do trabalho e da vida. Você tem dificuldade de enfrentar situações e colocar limites para as pessoas e para você mesmo. Pare e reflita enquanto é tempo. Sua saúde poderá ter sérios abalos tanto no campo físico quanto emocional. É aconselhável que você procure ajuda de um profissional para diminuir seu stress no trabalho. (MELEIROS, 2002, p.68).

Os sintomas do burnout causam comportamentos indesejáveis na vida profissional do professor tais como: atrasos, falta de vontade de trabalhar, raiva, atribuir culpa a outras pessoas, aos alunos. Outros passam a comer demais ou de menos, ou abusando do álcool e de outras drogas. Outros apresentam sintomas físicos, doenças crônicas, hipertensão e dores de cabeça frequentes. Meleiro (2002, p.67) afirma que “alguns professores se tornam “viciados” no trabalho”.

Pressupõe-se que a profissão do magistério precisa ter vocação, precisa aprender a lidar com as pessoas, precisa ter muita paciência. Ensinar àqueles que têm facilidades de aprendizagem e são bem comportados é fácil e satisfatório porém o difícil é ensinar àqueles que têm dificuldades de



entendimentos de coisas óbvias, as mais simples possíveis, além de ter domínio de sala de aula, mal comportamento dos alunos, brincadeiras e utilização de aparelhos eletrônicos, este é o desafio.

Surgem perguntas a respeito do conteúdo das matérias, pedidos de alunos para se ausentarem da sala de aula, episódios de indisciplina, queixas e reclamações sobre os outros colegas, reivindicações por parte dos pais dos alunos, cobrança por parte da direção da escola e horas dispensadas avaliando trabalhos escolares. (SOBRINHO, 2002, p. 83).

O professor está susceptível a todos estes problemas, por isso, precisa de muito preparo, motivação e ânimo para exercer sua profissão com qualidade. Caso contrário vai cair no fracasso profissional e nada mais passará a ter sentido.

O trabalho do professor deve ser prazeroso, motivador e de bem está. O salário pode ser um fator que contribua para o estresse do professor. Porém mesmo nos casos de bons salários não é sinônimo de satisfação profissional, afinal de contas trabalhar angustiado, estressado, sem ânimo, com certeza não é proveitoso e não faz bem a ninguém. É melhor às vezes ganhar menos e ter qualidade de vida profissional, do que ganhar mais e se sentir frustrado com a profissão.

Os sintomas para o desenvolvimento do burnout são muitos e podem se manifestar de várias maneiras diferentes, Meleiros, (2002, p.69) classifica em dois tipos de sintomas os psicossociais/comportamentais e psicossomáticos/físicos.

Sintomas psicossociais/comportamentais:

1) Emoções negativas: frustração, raiva, depressão e insatisfação crônicas. Desespero, ansiedade, culpa, despreparo, resignação, medo. Explosões diante de coisas triviais. Falta de motivação, letargia, fadiga. Pessimismo, ressentimento. Ansiedade e exaustão emocional. Sensação de vazio, tristeza. Irritação à flor da pele. Sensação de sobrecarga. Vontade de chorar, pesadelos. Fantasias de fuga, retaliação ou suicídio. Desvalia e outodepreciação. Perda de motivação e diminuição de interesse no trabalho. [...]. Raiva deslocada ou fora de propósito. Mudança de humor, rigidez. [...]. Irritabilidade crescente.

2) Problemas interpessoais e retraimento emocional/social: As emoções negativas associadas ao burnout geralmente afetam os relacionamentos no tra-



balho. O professor pode manifestar explosões emocionais ou hostilidade.

3) Abuso de substâncias: Álcool e medicamentos, alterações no hábito de comer, fumo café em excesso.

4) Desempenho em declínio: A vítima de burnout pode se tornar incapaz de se entusiasmar com projetos, ou ter dificuldade em concentra-se neles.

5) Sensação de falta de sentido: A maioria dos professores esperam mais de seu emprego do que salário.

6) Questionamento do seu valor próprio, dos colegas, do trabalho e da vida.

7) Funcionamento mecânico, pouca iniciativa e capacidade reduzida para resolver problemas.

8) Comportamento desorganizado, atraso para chegar ao trabalho, demora para realizar tarefas.

Sintomas psicossomáticos/físicos:

Sensação generalizada de cansaço e esgotamento. Gripes, resfriados, alergias, insônia, distúrbios cardiovasculares e gastrointestinais, problemas dermatológicos, dores de cabeça, enxaqueca, dores nas costas. Perda de impulso sexual. Flutuações de peso acentuadas (perda ou ganho de peso), olhos lacrimejantes e visão embaçada, afonia (perda da voz), zumbido nos ouvido, vertigem, náuseas.

Os sintomas para o desenvolvimento do burnout geralmente acontecem em conjunto, uma série deles, não apenas um caso isolado. Emocionalmente como se percebe um sintoma leva a outro, os problemas vão se acumulando, somando-se aos poucos, até atingir o estado crítico e daí constitui-se a degradação do profissional.

Existem vários questionários para detectar se um profissional está com burnout e em que grau se encontra. O questionário mais utilizado para medir o burnout em professores em diversas partes do mundo e também no Brasil é o “Inventário de Burnout de Maslach” (Maslach Burnout Inventory). Este questionário se divide em três partes: exaustão emocional, despersonalização e realização profissional.



Segundo Meleiros (2002, p.71) “cada item é avaliado duas vezes: quanto à frequência e quanto à intensidade. Pessoas com alto escore em “exaustão emocional” e “despersonalização” e baixo escore em “realização pessoal” estarão com burnout mais acentuado.”

A Síndrome de Burnout e os Professores

Apesar dos conhecimentos sobre a relação do trabalho e saúde dos professores, aqui no Brasil, a literatura científica ainda é muito carente. Os professores estão expostos a um estresse pelo cumprimento de seu ofício, somados com outros que acontecem de forma natural, leva-o a desenvolver um estado crítico de estresse chamado de Síndrome de Burnout.

A Síndrome de burnout desenvolve-se geralmente nos profissionais que lidam diretamente com o público. Os professores constituem uma classe trabalhadora que leva informações, orienta, estabelece normas e critérios sobre comportamentos éticos causando muitas vezes as insatisfações dos alunos. A falta de interesse dos discentes, o mau comportamento, associado ao baixo salário dos professores, sua carga de trabalho e pressões patronais, são os principais fatores para o estado crítico de estresse. Andrade e Cardoso (2012) colocam que:

As manifestações de Burnout em professores são reações psicossomáticas e, segundo Rodrigues e Gasparini (1992), estas doenças são consequências da interação dos processos psicológicos e mentais e das funções somáticas e viscerais.

[...]. Entre elas estão a relação com os alunos e seu baixo nível de motivação; ou o tipo de jornada de trabalho; sobrecarga de atividade laboral, referente não só ao número de horas de dedicação, como também a outros elementos, como a proporção aluno/professor, o sistema de horários, o nível de envolvimento com os alunos; inadequação entre formação e desenvolvimento profissional; clima organizacional e a coordenação com as demandas da ministração, da supervisão e da estrutura do local de trabalho; além da baixa remuneração salarial (Burke e col., 1996; Byrne, 1991; Manassero e col., 1995; Doménech, 1995; Friedman, 1991,1995; Crane e Iwanicki, 1986). (ANDRADE E CARDOSO, 2012, P. 134).



Atualmente outras questões se adicionaram ao trabalho do docente. Se por um lado o avanço tecnológico, a globalização, trouxeram uma mega informação e facilidades para a aprendizagem, por outro lado as responsabilidades e exigências no trabalho docente aumentaram consideravelmente.

Pressupõe-se que estas novas exigências levam a um desafio pessoal ocasionando um desgaste profissional e o surgimento da Síndrome de Burnout. Nos últimos vinte anos muitas pesquisas têm sido feitas a respeito desse tema e os dados catalogados evidenciam uma estatística preocupante a respeito da saúde do profissional da educação.

Os índices Exaustão Emocional (EE) e Despersonalização (DE), associados a baixa Realização Profissional (RP) é o que caracteriza a Síndrome de Burnout. Daí pesquisas têm mostrado valores alarmantes a respeito desses índices para os professores. Para ilustrar essa problemática destacamos uma pesquisa realizada por Carlotto e Palazzo em 2006, em 6 escolas particulares de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre RS., com uma população de estudo de 217 indivíduos e número total de participantes correspondentes a 190 indivíduos.

Nesta pesquisa utilizaram um instrumento auto-aplicado composto de quatro blocos de questões:

dados demográficos: sexo, idade, estado civil e filhos; (2) profissionais: titulação, nível de ensino, turno de trabalho, tempo de experiência profissional, tempo de experiência na escola, carga horária semanal, número de alunos que atende diariamente e se trabalha exclusivamente na instituição; (3) variáveis psicossociais fatores de estresse percebidos pelos professores: mau comportamento de alunos, sobrecarga de atividades, elevado número de alunos por classe, necessidade de atualização profissional, execução de atividades burocráticas, multiplicidade de papéis a desempenhar, expectativas dos familiares, falta de recursos materiais para o trabalho, elevado número de disciplinas, relacionamento pais-professores, falta de apoio de coordenação e colegas, e pouca participação em decisões institucionais; (4) Maslach Burnout Inventory MBI: para avaliar a síndrome de burnout. (Carlotto e Palazzo, 2006, p. 1017-1026).

Os resultados obtidos mostram, em média com maior dimensão, o índice EE, caracterizando



nesta amostra em estudo a Síndrome de Burnout nestes profissionais. A Exaustão Emocional, a Despersonalização e a Realização Profissional, nos professores, foram associados a fatores de estresse relacionados em tabelas de ocorrências em função do MBI – Maslacha Inventory Burnout.

Os resultados, evidenciam uma situação crítica, perigosa que inspira cuidados aos profissionais da educação. A Síndrome de Burnout é o último estágio do estresse ocupacional. Acredita-se que a partir daí qualquer atitude comportamental pode surgir por parte do profissional, inclusive doenças psíquicas e degenerativas.

A missão de ensinar requer muita paciência e manejos para conviver com o aprendiz, pois para ele o novo não é fácil e poderá permanecer por algum tempo até se tornar claro. Isto tem como consequência o aumento do estresse por parte de quem está ensinando. É do conhecimento popular que a missão do professor deve ser de muita calma com os seus alunos, caso contrário não daria para conviver com o alunado.

Pressupõe-se que a ocorrência de Burnout é um mal que põe abaixo todo profissionalismo e destrói não só a vida profissional como também o ser humano.

Viver de bem com a vida, com o trabalho e com as pessoas, é prazeroso, é saudável e faz bem a saúde.

Procurar viver bem talvez não seja fácil, mas não é impossível, acredita-se que não exista regra preestabelecida. O que funciona para alguns pode não funcionar para outros. Cada pessoa deve procurar a sua maneira de viver bem, procurar seu lazer, sua prática de se distrair. Isto poderá ser a válvula de escape para se sair melhor dos problemas profissional.

Soluções para Driblar o Estresse

Existem técnicas que auxiliam o professor no controle do stress, porém cada um pode ter a sua própria estratégia. Mesmo tecnicamente relacionando os passos que ajudam a driblar o estresse, o próprio professor pode encontrar a sua maneira mais viável e tirar bons resultados. O que é plausível



para um pode não ser para o outro. Para se proteger contra o stress é preciso conhecer o que pode causar e o que pode controlar. Lipp (2002. P. 118-122), mostra dois quadros: O que dentro de nós pode causar stress, figura 2 e os 21 Passos do Manejo do Stress, figura 3.

Figura 2 - O QUE DENTRO DE NÓS PODE CRIAR STRESS

1. Valores antigos que não se adaptam à realidade atual.
2. Expectativas impossíveis de serem preenchidas.
3. Negativismos, pessimismos, mau humor.
4. Não saber dizer “não” às demandas dos outros.
5. Ansiedade.
6. Depressão.
7. Competição constante.
8. Pressão como um modo de viver.
9. Inabilidade de perdoar e esquecer o passado.
10. Perfeccionismo.
11. Pensamentos obsessivos.
12. Insegurança.
13. Raiva.
14. Egoísmo.
15. Pensamentos rígidos e esteriotipados.

Fonte: Lipp (2002. P. 118-122).

Lipp, (2002. P. 118-122), defende que a pessoa é uma fábrica de stress e que é facilmente identificável por outras pessoas sem que ela própria perceba. O quadro acima relaciona os pontos onde se pode desenvolver o stress. São pontos aos quais a pessoa é vulnerável, pressupõem-se que todos convivam com alguns deles ou com a maioria, porém o importante é ter uma fuga para esses problemas.

Existem muitas pesquisas que estabelecem técnicas para prevenir o burnout de professores. Como apresentado os 21 passos do manejo do stress no quadro da página 60, descreve-se outra estratégia de prevenção ao stress do professor que é descrita por Reinhold (2002, p.75) onde ele estabelece as medidas preventivas diretas e indiretas com as seguintes recomendações aos professores: medidas



preventivas diretas:

1. Crie um grupo de apoio com os seus colegas para discutir temas relacionados ao trabalho.
2. Lembre-se do porquê de você está ensinando, do porquê você ter escolhido ser professor.
3. Transforme suas crenças negativas com referência à escola em positivas, dizendo para si mesmo: “Eu não preciso ser perfeito o tempo todo”.
4. Peça ajuda: pais, voluntários, amigos e alunos podem constituir recursos para ganhar tempo nas atividades escolares, mas é preciso pedir essa ajuda e planejar atividade.
5. Diga não a obrigações desnecessárias que a direção ou os colegas tentam lhe impor na escola.
6. busque sentido no seu trabalho.
7. Tenha uma atitude positiva.
8. Organize melhor o tempo e estabeleça prioridades
9. Aumente sua autoeficácia (confiança de que você é capaz de enfrentar e resolver situações novas ou desafiadoras)

Estratégias indiretas recomendadas:

1. Cuide da sua saúde
2. Aprenda técnicas de manejo de stress, pois o stress excessivo pode levá-lo ao burnout.
3. Reserve algum tempo para você.
4. Não atue como professor em casa
5. Pratique o humor sempre que possível. Busque coisas que possam fazê-lo rir. Uma pesquisa com grande amostra de professores de Hong-Kong demonstrou que o burnout correlacionou-se negativamente com o senso de humor dos professores.
6. Identifique os valores que governam sua vida.

Reinhold, (2002, p.79) apresenta essas medidas preventivas de stress do professor e também algumas sugestões que a direção da escola possa tomar para reduzir o risco de burnout de seus professores.

- Criar sistemas de avaliação que auxiliem o professor na identificação de problemas na



escola.

- Reservar tempo para que os professores possam conversar.
- Reconhecer e elogiar o bom trabalho realizado pelos professores.
- Definir claramente as expectativas do papel do professor na escola.
- Criar grupos de supervisão ou de apoio onde os professores possam compartilhar seus problemas.
- Promover o ensino em equipe (interdisciplinaridade) para aumentar o contato e apoio de colegas e diminuir o isolamento.
- Oferecer oportunidades de promoção para maior realização do professor.
- Oferecer workshops e treinamento em serviço, inclusive sobre técnicas de enfrentamento de stress e burnout.

O professor desenvolve um papel importante para o relacionamento com o aluno. Ele deve ser amigo, dialogar e ficar junto do aluno, mas também determinar normas comportamentais. O professor auxilia na solução dos problemas, facilita a aprendizagem, é amigo inconfidente e precisa conhecer cada aluno, numa relação de amizade para conquistar a confiança e despertar o educando para importância da aprendizagem. No ensino médio precisa-se muitas vezes de técnicas criativas para atrair a atenção dos alunos.

Um professor do ensino médio precisa sentir-se jovem, ter uma linguagem que consiga atingir os adolescentes, ser capaz de conviver com um grupo forte, confrontador, positivo, mas que necessita de regras claras, limites e afeto. Desse professor espera-se que esteja próximo do aluno, podendo orientá-lo e tornando-se um modelo positivo nessa fase marcada por intensos conflitos e ocasionada pela reavaliação de valores. (TRICOLI, 2002 p.97).

A convivência com o adolescente em uma relação de amizade, entendê-los nos seus modos de ser, porém com respeito e normas, pode ser um fator preponderante para facilitar a aprendizagem. Ser tolerante, saber respeitar e cobrar respeito, ter jogo de “cintura” para impor normas comporta-



mentais, são pontos importantes, para aprendizagem e assim diminuir o alto grau de estresse e o desenvolvimento da síndrome de burnout.

Lip (2002, p.121), coloca que uma “maneira de aliviar o stress é conversar com colegas sobre o que estar estressado”. Pressupõe-se que o modo de pensar de cada um é o que leva ao stress daí são coisas relativas para as pessoas, alguns ficam estressado com determinadas situações outros não, sendo que existem coisas que são estressores para todos . Ainda segundo Lipp, (2002, p. 121), “as pesquisas realizadas no Brasil, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Alemanha e na Suíça, mostram que o apoio social é um dos fatores que mais atenua o stress do professor”. Todos os professores de todos os níveis de ensino desses países relataram alívio considerável quando receberão apoio dos colegas de trabalho. A pesquisadora mostra um quadro que relaciona um plano para controlar o stress do dia a dia. E aconselha que você também deve formular um plano desse para controlar o seu stress.

Figura 3 - OS 21 PASSOS DO MANEJO DO STRESS

Estratégias educativas:

- Saber o que é stress.
- Saber reconhecer os sintomas do stress no corpo, na mente e nas relações interpessoais.
- Identificar as fontes externas de stress.
- Identificar os estressores internas (a fábrica particular de stress de cada um).

Estratégias situacionais:

- Tentar eliminar os estressores possíveis de serem eliminados.
- Aceitar os estressores inevitáveis.
- Reinterpretar os estressores inevitáveis, ou seja, ver o lado positivo de cada estressor essencial em sua vida.

Estratégia de enfrentamento do efeito duradouro:

- Aprender a reconhecer seus limites.
- Aprender a respeitar seus limites.
- Tomar uma atitude ativa diante da vida.
- Usar estratégias de enfrentamento do stress, concentrando-se na busca de soluções e não nas emoções geradas pelos estressores.



- Usar técnicas de resolução de problemas.
- Assumir a responsabilidade pela vida.
- Aprender a dizer “não”.
- Utilizar o apoio de colegas no ambiente de trabalho.
- Lembrar que nada ruim dura para sempre.

Estratégias de enfrentamento para atenuar os sintomas:

- Rir, brincar, fantasiar, usar o senso de humor.
- Tirar férias mentais, isto é, desligar-se dos problemas por alguns minutos durante o dia.
- Usar técnicas de relaxamento.
- Utilizar alimentos antistress (verduras, legumes, frutas).
- Praticar alguma atividade física.

Fonte: Lipp (2002. P. 118-122).

Usar técnicas de relaxamento para descarregar as tensões estressantes talvez não seja missão fácil. Procurar ajuda para resolver seus problemas sempre fica difícil, já que essas pessoas não aceitam, geralmente, que estão com um problema sério que afeta toda sua estrutura.

Geralmente as pessoas quando detêm um determinado problema dificilmente aceitam ajuda para sair dele, apresentam resistência e retraem a causa. Porém conversando, dividindo com as pessoas, como foi colocado anteriormente pode ser a válvula de escape para sair do problema.

Um ambiente de trabalho agradável, prazeroso, é muito importante para a vida profissional dos seus colaboradores. O professor passa uma boa parte da sua vida na escola, como qualquer outro profissional passa no seu trabalho, porém a satisfação do convívio no ambiente de trabalho, no espaço físico da escola é fundamental para o seu psíquico, para o seu bem-estar.

A relação professor-aluno e aluno-professor deve ser de amizade e respeito, como já relatou-se anteriormente. O professor deve ter uma imagem de auxiliador e facilitador nos deveres educacionais do aluno. O professor próximo do aluno facilita no ensino aprendizagem e minimiza os problemas relacionados ao mau comportamento dos alunos.

Segundo Gadotti (2007) “Freire defende, na educação educadora, origor e não a rigidez, o di-



reito do professor tomar a palavra, mas não o direito do professor entediar seus alunos com sua fala”. Acredita-se que o professor precisa tomar cuidado com sua fala, procurar entender como o aluno recebe suas informações, pois o locutor às vezes passa despercebido do autoritarismo que ele transmite.

Pressupõe-se que uma escola que preze e valorize o professor tem em resposta uma qualidade melhor de ensino e um profissional satisfeito com nível de stress baixo. Uma administração participativa e democrática nos moldes da gestão empresarial escolar, pelo seu gestor, pode ser um fator preponderante de satisfação do professor.

O orgulho de trabalhar na escola, de fazer parte do quadro de professores, é sem sombra de dúvidas, motivador e satisfatório. Mesmo com salários razoáveis o professor poderá se sentir muito bem no seu ambiente de trabalho e produzir muito mais contribuindo assim para uma educação bem melhor.



Capítulo 2

METODOLOGIA



Tipo de Estudo

Estudo bibliográfico e de campo através de pesquisas feitas nas escolas, por questionários, do desenvolvimento da Síndrome de Burnout, Maslach Burnout Inventory (MBI), nos professores do ensino médio da rede particular do Recife. Procura-se explorar um universo de 61 indivíduos por meio de questionários e também um acervo bibliográfico, artigos publicados, revistas e entrevistas, referente ao assunto exposto, bem como apresentar uma estatística fundamentada na realidade para conhecimentos da população deste mal do século. Mal este que evolui com o passar dos tempos, comprometendo a todas as classes trabalhadoras e em destaque aos professores, ceifando assim suas capacidades de educar a população, causando um prejuízo incalculável para educação dos jovens e adultos.

O questionário Burnout, Maslach Burnout Inventory (MBI) é composto de 22 itens com três pontos para serem analisados: Exaustão Emocional(EE), Despersonalização(DE) e Realização Profissional(RP). A Exaustão Emocional(EE) se encontra nas questões: 1, 2, 3, 6, 8, 13, 14, 16, 20; a Despersonalização(DE) encontra-se nas questões: 5, 10, 11, 15, 22; e a Realização Profissional(RP) nas questões 4, 7, 9, 12, 17, 18, 19, 21, verifica-se posteriormente.

A pesquisa teve uma participação de 61 professores e professoras, de 5 escolas da rede particular do Recife. Foram 48 professores e 13 professoras do ensino médio em duas escolas da Imbiribeira, uma de Boa Viagem, uma da Madalena e uma do Cordeiro.

Este trabalho pretende analisar o comportamento e atitudes dos professores no dia a dia levando em consideração o nível de estresse desenvolvido pela prática de sua profissão. Contribuir para melhoria da qualidade de vida profissional, através dos conhecimentos adquiridos pelas informações das pesquisas sobre o alto nível de estresse.



Local

Escolas particulares do ensino médio de Recife, localizadas nos bairros: Boa Viagem, Colégio ELO; Imbiribeira, Colégio Santa Bárbara e Colégio Decisão; Madalena, BJ Colégio e Curso; Cordeiro, Colégio Souza Leão.

Sujeito de Pesquisa

Professores do ensino médio das escolas particulares de Recife. 14 professores do Colégio Elo em Boa Viagem; 08 professores do Colégio Decisão na Imbiribeira; 13 professores do Colégio Santa Barbara também na Inbiribeira; 10 professores do Colégio BJ Colégio e Curso na Madalena; 15 professores do Colégio Souza Leão no Cordeiro.



Capítulo 3

DISCUSSÃO E RESULTADOS



A partir dos dados estudados observa-se que a Síndrome de Burnout é um alto grau de estresse ocupacional desenvolvido por profissionais que trabalham diretamente com o público: médicos, enfermeiros, policiais e professores. A atividade dos professores no ensino aprendizagem mantém uma relação que o direciona para o burnout, em sua jornada normal de trabalho.

Verifica-se na tabela 1, que existe uma grande quantidade de professores com tempo de magistério maior que 21 anos. Esses professores carregam uma grande bagagem de experiências do magistério. Por outro lado a quantidade de professores com até 5 anos de experiência é pequena, existem poucos professores novos. Talvez alguns fatores extras, como a falta de reconhecimento profissional, baixos salários, estresse, venham a justificar a escassez de professores novos exercendo o magistério nas escolas.

Os resultados mostram, na tabela 1, que aproximadamente 35% dos professores têm de 31 à 40 anos e não se verifica professor com idade acima de 61 anos.

Verifica-se na tabela 1 que a moda das idades se encontra na 2º classe, é a que tem maior quantidade de professores que está no intervalo de 31 à 40 anos, calculada pela fórmula de Czuber, tem-se aproximadamente, 34,64 anos.

A média das idades é aproximadamente 38,39 anos. Considerando os dados uma população e o desvio padrão das idades dos 46 professores consultados (15 professores não responderam esse item) é de aproximadamente 10,49 anos, com erro médio relativo para mais ou para menos de 0,28, aproximadamente.



Tabela 1 - Idade dos Professores, Tempo de Magistério e Tempo de Atuação na Escola

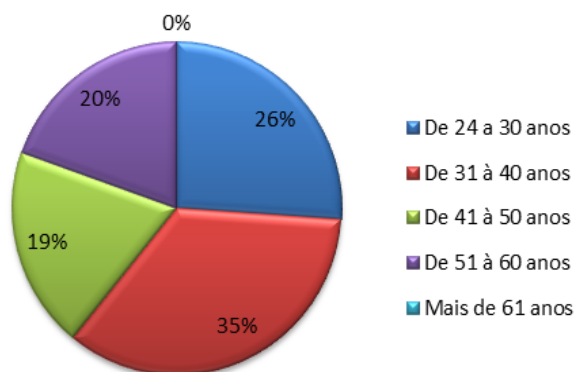
Classe	Idade dos Professores	Quant.	Tempo de Magistério	Quant.	Tempo na Escola	Quant.
1	De 24 a 30 anos	12	Até 5 anos	6	Até 1 ano	9
2	De 31 a 40 anos	16	De 6 a 10 anos	11	De 2 a 5 anos	19
3	De 41 a 50 anos	9	De 11 a 15 anos	11	De 6 a 10 anos	12
4	De 51 a 60 anos	9	De 16 a 20 anos	10	De 11 a 15 anos	8
5	Mais de 61 anos	0	Mais de 21 anos	23	Mais de 16 anos	9
Total	-	46	-	61	-	57

A média das idades é aproximadamente 39,15 anos. Considerando os dados uma população, o desvio padrão das idades dos 46 professores consultados (15 professores não responderam esse item) é de aproximadamente 10,49 anos, com erro médio relativo para mais ou para menos de 0,28, aproximadamente.

No gráfico 1, tem-se uma visão panorâmica onde se verifica os percentuais das idades dos 46 professores como tinha-se interpretado anteriormente na tabela 1.

Gráfico 1

Idades dos professores em %

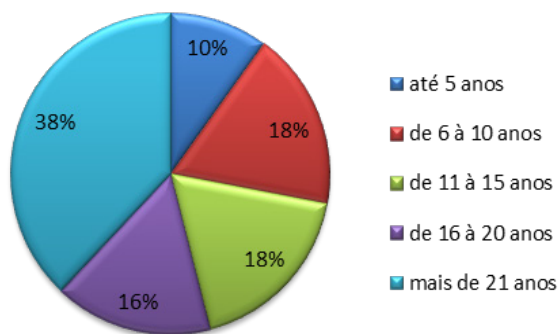


Quanto ao tempo de magistério dos professores, gráfico 2, é surpreendente que o valor modal corresponde a mais de 21 anos de labor. Aproximadamente 38% (23) dos 61 professores consultados têm mais de 21 anos de magistério, representado no gráfico 2. Do universo consultado só 6 professores têm até 5 anos de profissão, aproximadamente 9,8% .

No gráfico 2, mostra-se os percentuais do tempo, em anos, de magistério dos 61 professores com tempo médio de magistério de aproximadamente 15,60 anos, desvio padrão de aproximadamente 8,15 anos e erro médio relativo, aproximadamente, de 0,45 para mais ou para menos.

Gráfico 2

Tempo de Magistério dos professores em %

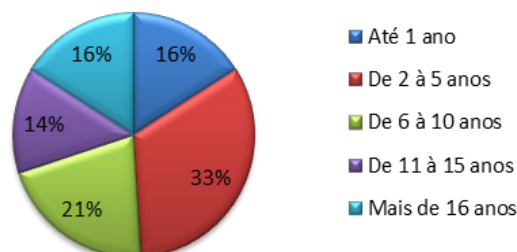


O tempo que os professores atuam na mesma escola, apresentado no gráfico 3, também constitui um fator interessante. Em média tem-se aproximadamente 7,60 anos, o desvio padrão é de aproximadamente 5,60 anos, considerando os dados uma amostra com erro médio de aproximadamente 0,72 para mais ou para menos, o valor modal está compreendido de 2 a 5 anos. Apresentado no gráfico 3 para uma interpretação rápida do tempo que o professor atua na mesma escola. De um universo de 57 professores que responderam (4 professores não responderam), aproximadamente 51% têm mais de 5 anos que trabalham na mesma escola e em torno de 16% têm mais de 16 anos na mesma escola.



Gráfico 3

Tempo que os professores ensinam na mesma Escola em %



Verifica-se no quadro 1, Inventário de Sintomas, que houve um percentual maior ou igual a 20% nas respostas dos professores com frequências: moderadamente e frequentemente. Daí tem-se: 20,7% (12), responderam que sentem dores no ombro ou nuca, frequentemente; 28,1% (16), responderam que sentem irritabilidade, moderadamente; 21,1% (12), responderam perda ou excesso de apetite, moderadamente; 37,7% (22) responderam sentirem dor de cabeça, moderadamente; 24,6,0% (15), reponderam sentir dor no peito, moderadamente; 20,3% (12), responderam dificuldade com o sono, frequentemente; 33,9% (20), responderam sentirem sentimento de cansaço mental, moderadamente; 32,8% (20), responderam que tem pouco tempo para si mesmo, frequentemente; 20,0% (12), responderam que sentem sentimentos de baixa estima; 25,4% (15), responderam perda de senso de humor, moderadamente; 23,7% (14), responderam que sentem cansaço rápido, moderadamente.

Alguns itens deve-se relacionar, mesmo abaixo de 20,0% das respostas, mas por se tratar de sintomas bastante característicos para o desenvolvimento da Síndrome de Burnout.

Verifica-se com 18,6% (11), responderam que sentem fadiga generalizada, moderadamente; 16,9% (10), responderam que sentem problema na voz, moderado.

Analisando o quadro 1, percebe-se um percentual elevado, maior ou igual a 80,0%, dos professores que sentem sintomas prejudicial a saúde. Os dados mostram que os professores sentem com alguma frequência: 84,5% dores no ombro ou nuca; 94,7% perda ou excesso de apetite; 82,8% dor de cabeça; 98,4% dor no peito; 88,1% sentimento de cansaço mental; 93,4% pouco tempo para si mesmo;



83,1% problema de voz e 81,4% cansaço rápido.

Quadro 1 – Sintomas e Frequências de Ocorrência Sentidas Pelos Professores

Nº	Sintomas	Frequências de Ocorrência					Total	Quantidade dos prof. que apresentaram problemas em pelo menos um item	Prof. que apresentaram problemas em pelo menos um item em %
		Nunca	Raras Vezes	Moderadamente	Frequentemente	Assiduamente			
1	Dores no ombro ou nuca	9	26	9	12	2	58	49	84,5
2	Irritabilidade	3	30	16	7	1	57	54	94,7
3	Perda ou excesso de apetite	20	18	12	5	2	57	37	64,9
4	Sentir-se sem vontade de começar nada	22	23	11	2	1	59	37	62,7
5	Dor de cabeça	10	24	22	1	1	58	48	82,8
6	Pouca vontade de comunicar-se	27	21	5	5	1	59	32	54,2
7	Dor no peito	1	36	15	9	0	61	60	98,4
8	Dificuldade de adaptação	34	16	7	0	1	58	24	41,4
9	Dificuldade com o sono	20	17	7	12	3	59	39	66,1
10	Sentimento de cansaço mental	7	20	20	10	2	59	52	88,1
11	Dificuldade Sexual	35	18	4	1	0	58	23	39,7
12	Pouco tempo para si mesmo	4	6	10	20	2	61	57	93,4
13	Erupções na pele	30	22	4	3	1	60	30	50,0
14	Fadiga generalizada	19	26	11	1	2	59	40	67,8
15	Pequenas infecções	28	23	4	3	1	59	31	74,6
16	Sentimentos de baixa estima	24	16	12	7	1	60	36	60,0
17	Aumento no consumo de bebidas ou cigarro	43	11	5	0	0	59	16	27,1
18	Dificuldade de memória ou concentração	20	27	8	3	1	59	39	66,1
19	Problemas gastrointestinais	26	21	5	5	2	59	33	55,9
20	Necessidade de isolar-se	28	19	5	4	3	59	31	52,5
21	Problemas alérgicos	31	13	8	2	4	58	27	46,6
22	Estado de aceleração contínua	23	21	8	5	1	58	35	60,3
23	Pressão arterial alta	40	10	4	4	1	59	19	32,2
24	Perda do senso de humor	18	25	15	1	0	59	41	69,5
25	Gripes e resfriados	15	26	9	3	4	57	42	73,7
26	Perda de desejo sexual	41	12	1	2	0	56	15	26,8
27	Problema na voz	10	28	10	7	4	59	49	83,1
28	Poucas satisfações nas relações sociais	29	21	4	5	0	59	30	50,8
29	Dificuldade em controlar a agressividade	29	21	2	7	0	59	30	50,8
30	Cansaço rápido	11	25	14	5	4	59	48	81,4
-	Total	657	622	267	151	64	1761	1104	-



Fonte: Almeida e Santos, 2014, p.11- adaptado.

Analisando o quadro 1, percebe-se um percentual elevado, maior ou igual a 80,0%, dos professores que sentem sintomas prejudicial a saúde. Os dados mostram que os professores sentem com alguma frequência: 84,5% dores no ombro ou nuca; 94,7% perda ou excesso de apetite; 82,8% dor de cabeça; 98,4% dor no peito; 88,1% sentimento de cansaço mental; 93,4% pouco tempo para si mesmo; 83,1% problema de voz e 81,4% cansaço rápido.

Pode-se observar no quadro 1, acima, um elevado percentual, 62,7%, dos professores que sentem algum tipo de sintoma. Apenas 37,3 responderam não sentir nenhum tipo de sintoma.

Observa-se que mais de 80% responderam os sintomas 1, 2, 5, 7, 10, 12, 27 e 30; dos 30 itens da tabela 8 (26,7%) encontram-se em situações que evidenciam um patamar crítico para sua saúde. Observa-se também valores de percentuais maior ou igual a 60% nos sintomas: 1,2 3, 4, 5, 6, 7, 12 14, 15, 16, 18, 22, 24, 27, 30; dos 30 itens 16 (53,3%) responderam que sentem de alguma forma os sintomas. Isto caracteriza sérios problemas para sua saúde. Percebe-se resultados de valores altos nos percentuais das frequências com os sintomas.

Analisando os dados obtidos na pesquisa relacionada no Quadro 2, Questionário Maslach Burnout Inventory (MBI), verifica-se um fator crítico para sintomas que acontecem com frequência maior ou igual a 80% das respostas dos professores consultados. O Gráfico 4 mostra uma síntese panorâmica desses sintomas, onde se pode obter dados para analisar situações que ocorre o Burnout, quase Burnout e satisfação profissional dos professores.

Verifica-se que 27,6% (16) responderam que se sentem esgotado emocionalmente devido ao seu trabalho, uma vez ao ano ou menos e 20,7% (12) responderam o mesmo sintoma anterior, algumas vezes ao mês; 23,7% (14) responderam que sentem-se cansado ao final da jornada de trabalho, algumas vezes ao mês e 23,7% responderam o mesmo sintoma, algumas vezes por semana; 23,7% responderam que quando se levantam pela manhã e vai enfrentar outra jornada de trabalho sente-se cansado, algumas vezes ao mês e 23,3% responderam o mesmo sintoma, algumas vezes por semana; 20,0%



(12) responderam que trabalhar com pessoas o dia todo exige um grande esforço; 20,7% (12) responderam que lidam eficazmente com os problemas das pessoas, algumas vezes por semana e 36,2% (21) responderam o mesmo sintoma, todos os dias; 27,1% (16) responderam que o trabalho deixa-o exaustivo, algumas vezes ao mês; 18,6% (11) responderam que se sentem no limite de suas possibilidades.

Uma causa também mensurável que se faz necessário, avaliar, mesmo para dados, inferiores a 20% de frequência de ocorrência são os sintomas respondidos pelos professores. Onde 16,9% (10) responderam que sentem-se frustrados em seu trabalho, algumas vezes ao mês ou menos e 16,9% também responderam o mesmo sintoma, algumas vezes ao mês; 19,7% (12) responderam acreditam que estão trabalhando em demasia.

Por outro lado, um percentual de professores se sentem satisfeitos e estimulados pela sua profissão. Acredita-se que esses profissionais por vocação, embaldado pela beleza de contribuir para a aprendizagem dos alunos, abraçam a profissão com todo o vigor e prazer.

Verifica-se na pesquisa que 33,3% (20) responderam que sentem-se estimulados depois de trabalharem em contato com as pessoas, todos os dias, 28,3% (17) responderam o mesmo sintoma, algumas vezes por semana e 18,3% (11) responderam, também, o mesmo sintoma, algumas vezes ao mês; 35% (21) responderam que têm conseguido muitas realizações em sua profissão, todos os dias e 26,7% (16) responderam o mesmo sintoma, algumas vezes por semana; 36,7% (22) responderam que podem criar facilmente uma atmosfera relaxante para as pessoas, todos os dias e 25,0% (15) responderam o mesmo sintoma algumas vezes por semana; 43,3% (26) responderam que acreditam que sabem tratar de forma adequada os problemas emocionais no seu trabalho, todos os dias e 21,7% (13) responderam o mesmo sintoma, algumas vezes por semana; 33,9% (20) responderam que sentem-se com muita vitalidade, algumas vezes por semana e 32,2% (19) responderam o mesmo sintoma, todos os dias.

Dessa pesquisa, em síntese, tem-se 49,4% (645) das respostas dos 61 professores nos 22 itens de sintomas num total de 1306 respostas, os professores apresentam pelo menos um sintoma prejudicial ao seu comportamento, com o agravante de que 9,0% (309) das 1306 respostas, apresentam



sintomas todos os dias. 26,9% (352) das respostas são sintomas positivos ao comportamento e 23,7% (309) das respostas nunca tiveram nenhum sintoma.

Quadro 2 – Questionário Maslach Burnout Inventory (MBI)

Nº	Sintoma	Frequência de Ocorrência							Total	Percentual dos prof. que apresentaram sintomas
		Nunca	Uma vez ao ano ou menos	Uma vez ao mês ou menos	Algumas vezes ao mês	Uma vez por semana	Algumas vezes por semana	Todos os dias		
1	Sinto-me esgotado emocionalmente devido ao meu trabalho	9	16	10	12	3	7	1	58	84,5
2	Sinto-me cansado ao final da jornada de trabalho	1	9	8	14	6	14	7	59	98,3
3	Quando me levanto pela manhã e vou enfrentar outra jornada de trabalho sinto-me cansado	15	2	11	14	4	12	1	59	74,6
4	Posso entender com facilidade o que sentem as pessoas	2	2	2	2	3	7	41	59	96,6
5	Creio que trato algumas pessoas como se fossem objetos impessoais	38	6	2	7	3	3	1	60	36,7
6	Trabalhar com pessoas o dia todo me exige um grande esforço	18	7	6	12	2	8	7	60	70,0
7	Lido eficazmente com os problemas das pessoas	6	2	7	7	3	12	21	58	89,7
8	Meu trabalho deixa-me exausto	14	8	5	16	2	10	4	59	76,3
9	Sinto que através do meu trabalho influencio positivamente na vida de outros	0	1	6	4	0	6	42	59	100,0
10	Tenho me tornado mais insensível com as pessoas desde que exerço este trabalho	35	7	4	5	1	8	0	60	41,7
11	Preocupa-me o fato de que este trabalho esteja-me endurecendo emocionalmente	30	5	3	8	1	6	4	57	47,4
12	Sinto-me com muita vitalidade	2	5	3	9	1	20	19	59	96,6
13	Sinto-me frustrado em meu trabalho	21	9	10	10	2	7	0	59	64,4
14	Creio que estou trabalhando em demasia	12	7	5	9	8	12	8	61	80,3
15	Não me preocupo realmente com o que ocorre às pessoas a que atendo	40	4	5	4	1	6	0	60	33,3
16	Trabalhar diretamente com as pessoas causa-me estresse	22	6	5	11	5	10	2	61	63,9



17	Posso criar facilmente uma atmosfera relaxada para as pessoas	1	3	6	6	7	15	22	60	98,3
18	Sinto-me estimulado depois de trabalhar em contato com as pessoas	1	2	4	11	5	17	20	60	98,3
19	Tenho conseguido muitas realizações em minha profissão	0	9	7	5	2	16	21	60	100,0
20	Sinto-me no limite de minhas possibilidades	19	11	7	8	3	8	3	59	67,8
21	Sinto que sei tratar de forma adequada os problemas emocionais no meu trabalho	0	4	3	7	7	13	26	60	100,0
22	Sinto que as pessoas me culpam de algum modo pelos problemas	23	7	6	8	1	8	6	59	61,0
-	Total	309	132	125	189	70	225	256	1306	997

Fonte: Almeida e Santos, 2014, p.13- adaptado.

Verifica-se nos dados do quadro 2, acima, nos sintomas: sinto-me esgotado emocionalmente devido ao meu trabalho; quando me levanto pela manhã e vou enfrentar outra jornada de trabalho sinto-me cansado; meu trabalho deixa-me exausto; sinto-me frustrado em meu trabalho; sinto-me no limite de minhas possibilidades, frequências bastante consideráveis nas respostas, algumas vezes por semana, isto demonstra um elevado grau de estresse.

O questionário Maslach Burnout Inventory (MBI) é analisado através de cálculos realizados levando-se em consideração a três pontos: Exaustão Emocional(EE), Despersonalização(DE) e Realização Profissional(RP). Nos resultados colhidos, verifica-se a ocorrência em alguns sintomas que evidenciam os pontos: EE nas questões: 1, 2, 3, 6, 8, 13, 14, 16, 20; a DE nas questões: 5, 10, 11, 15, 22; e RP nas questões 4, 7, 9, 12, 17, 18, 19, 21. Como se pode verificar no quadro 2.

A indicação para Síndrome de Burnout (SB) ocorre quando o resultado é alto para EE e DE e baixa para RP. O alto risco de Burnout, acontece quando EE encontra-se elevado, porém acontece risco de desenvolvimento da Síndrome desde Baixa, Média e Alta EE e DE.

A tabela 2, mostra o grau do Maslach Burnout Inventory (MBI), dos professores do ensino médio da rede particular da cidade de Recife. Analisando os resultados, tem-se valores altos que



expressam a existência dessa Síndrome, porém, por outro lado, existem também um percentual considerável de professores que se sentem realizados profissionalmente.

Foi tomado um universo de frequência de Ocorrência dos Sintomas de 1306 respostas e calculado os percentuais para quatro níveis: 1- Nunca, 2- Baixa, com dois itens (Uma vez ao ano ou menos, Uma vez ao mês ou menos), 3- Média, com dois itens (Algumas vezes ao mês, uma vez por semana), 4- Alta, também com dois itens (Algumas vezes por semana, todos os dias).

Tabela 2 – Frequência de Ocorrência dos Sintomas (Pontos) dos Professores Pesquisados em função do MBI – Maslach Burnout Inventory

MBI	Nunca	Baixa	Média	Alta
EE	131	142	141	121
DE	166	49	39	42
RP	12	66	79	318

Os quatro níveis estabelecidos foram tomados pelas respostas dos professores, no MBI, para caracterizar valores que indicam: professores com burnout, quase burnout, baixa incidência de desenvolver o burnout, sem risco de desenvolver o burnout.

Observa-se que a soma de EE (Exaustão Emocional) mais DE (Despersonalização) Alta dá 163 pontos (12,5%) é um valor preocupante pois esses resultados indicam que esses professores já desenvolveram a Síndrome de Burnout. A soma dos itens que relacionam: Baixa, Média e Alta de EE tem total de 404 pontos (30,9%) sendo que desses 9,3% já desenvolveram Burnout e 21,7% em risco de desenvolver essa Síndrome. Somando-se a DE (Despersonalização) Média e Alta tem-se 81 pontos, (6,2%) um valor também elevado cuja soma da DE dá 130 pontos (10,0%).

Observa-se também em Média ocorrência com 141 pontos (10,8%) a EE e 39 pontos (3,0%) a DE, associados a baixa (RP) 79 (6,0%) pontos são valores que estão em um nível próximo de en-



trarem no estado crítico, para o desenvolvimento da Síndrome de Burnout.

A Realização Profissional (RP) tem um valor alto de 318 pontos (24,3%) e um valor total de 463 pontos,(35,5%) mostrando assim uma quantidade de professores que se sentem satisfeitos e realizados profissionalmente. Poucos responderam para RP, Nunca, 12 pontos (0,9%), Baixa 66 pontos (5,1%) e Média 79 pontos (6,0%).

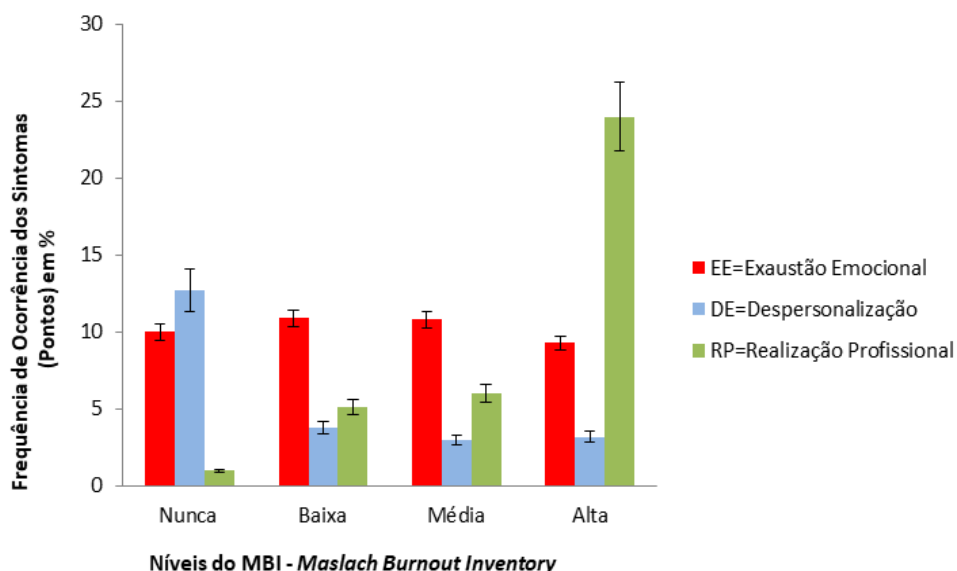
A Exaustão Emocional (EE), verifica-se um valor alto de 121 pontos (9,3%), mostrando uma quantidade elevada de professores que sentem os sintomas. Um valor Médio com 141 pontos (10,8%), próximo a entrar no nível crítico da exaustão. Um valor Baixo com 142 pontos (10,9%), com pouco risco de exaustão e um valor sem risco, nunca, de 131 pontos (10,0%), onde se exclui a exaustão emocional.

A Despersonalização (DE), verifica-se um valor alto de 42 pontos (3,2%), mostrando uma quantidade elevada de professores que sentem os sintomas. Um valor Médio com 39 pontos (3,0%), próximo a entrar no nível crítico da despersonalização. Um valor Baixo com 49 pontos (3,8%), com pouco risco de despersonalização e um valor sem risco, nunca, de 166 pontos (12,7%), onde se exclui a despersonalização emocional.

O gráfico 4 mostra os dados da tabela 2, de forma bem característica e numa visão panorâmica da Frequência de Ocorrência dos Sintomas (Pontos) dos dos professores em função do MBI – Maslach Burnout Inventory. Os cálculos foram feitos pelo programa de EXCEL, com valores aproximados e arredondamentos de uma casa decimal, onde a média para EE foi de 8,5 e o desvio Padrão de 5,0, a média para DE foi de 8,5 com Desvio Padrão de 10,8 e para RP teve média de 8,5 e Desvio Padrão de 9,3.



Gráfico 4 – Frequência de Ocorrência dos Sintomas (Pontos) em % em função dos níveis: Nunca, Baixo, Médio e Alto do MBI – Maslach Burnout Inventory



Os quatro níveis apresentados no gráfico foram tomados através dos percentuais dos sintomas para caracterizar a EE, DE e RP.

Os percentuais baixos na Realização Profissional, talvez deve-se ao fato de professores no final de carreira, próximo a sua aposentadoria, que estão desiludidos do magistério, pelos baixos salários e sem perspectiva de melhoria pelo sistema político nacional. Por vários motivos: baixos salários, políticas de melhoria, respeito ao professor, alunos sem compromisso e sem educação doméstica, escolas que cobram do professor o comportamento dos alunos em sala de aulas e fora delas e não dão apoio ao professor, culpando-o pelos maus comportamentos dos alunos, pelos fracassos das notas na disciplina, tudo isto pode levar aos resultados do desenvolvimento da Síndrome de Burnout, apresentada na tabela acima com visão panorâmica no gráfico 4.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



A finalidade de realizar esta dissertação foi verificar o alto nível de estresse com a presença da Síndrome de Burnout nos professores da rede particular da região metropolitana de Recife. Para isto foi feito uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, tendo como resultado um vasto índice de profissionais com sintomas preocupantes de distúrbios psíquicos, pela consequência do nível de estresse.

Os resultados evidenciaram um mal agravante de consequências evolutivas de estresse desenvolvidas pelos professores. Mal este que vem assolando estes profissionais na modernidade, com tendências, cada vez mais graves com o desenvolvimento da humanidade.

Na pesquisa bibliográfica, foram estudados muitos trabalhos de autores diferentes sobre a Síndrome de Burnout, que teve sua confirmação com a pesquisa de campo. Foram comprovados com os dados a existência da Síndrome de Burnout com percentuais elevados e um agravante de apresentarem dimensões ascendente para atualidade.

A Síndrome de Burnout, considerada também por alguns, como “mal do século”, vem se projetando nos profissionais atualmente no mundo todo. Com o desenvolvimento da humanidade, novas tecnologias, preocupações do dia a dia, competitividade, necessidade de se chegar à perfeição, tudo isto leva a um estresse elevado com consequência de se desenvolver a Síndrome de Burnout.

Esta síndrome leva a um desgaste emocional, com consequências degenerativas, destruindo assim os profissionais. Muitos professores deixam sua profissão para trilharem por outros caminhos profissionais, outros entram num estado deprimente e ficam de licença médica, sem perspectivas de voltarem a trabalhar, carregando um fardo de angústias e decepções.

Para solucionar os riscos de se desenvolver a Síndrome de Burnout, alguns autores, como Lip (2002, p.121 e 122), Reinhold (2002, p.75), apresentam técnicas e procedimentos de manejo pessoal para evitar o surgimento da Síndrome de Burnout. Porém pressupõe-se que isto seja relativo, pois cada um terá que procurar sua melhor maneira de dissipar os seus problemas. O que vale para alguns pode não valer para outros, o melhor caminho é a autoajuda. Antes de qualquer técnica de relaxamento, a pessoa, primeiro precisa aceitar que está com problemas e deve tomar consciência de que merece



ajuda. Muitas vezes quem está com estresse elevado não percebe, acha que está tudo bem, isto só é detectado por outras pessoas do seu convívio e dificulta qualquer decisão a respeito de solucionar os seus problemas. Por outro lado, é uma consequência natural a pessoa apresentar resistências para não realizar nenhum tratamento, isolando-se de todos, piorando assim o seu estado de estresse.

Constatou-se que os fatores que levam ao desenvolvimento da Síndrome de Burnout, são consequências da má remuneração, falta de reconhecimento da sociedade e principalmente dos governantes, má condutas dos alunos em sala de aulas e pressão dos diretores das escolas para cumprimento das metas de trabalho.

Constatou-se também que 12,5% do total de 61 professores pesquisados desenvolveram a Síndrome de Burnout, 13,8% estão próximos a desenvolver a síndrome e 37,4% do total tem baixo ou nenhum risco.

Um percentual de 24,3% apresentou uma Realização Profissional (RP) alta realização profissional 6,0%.

Nada de surpresa em relação às pesquisas de campo, pois a bibliografia apontava para dados críticos em quantidade elevada de professores que desenvolvem a Síndrome de Burnout. Porém o nosso objetivo era investigar se esses profissionais apresentavam esta síndrome e em que estágio acontecia os sintomas.

As pesquisas apontam que a Síndrome de Burnout é um mal crescente do homem moderno, com consequências devastadoras e de difícil maneira para controlar. Porém viver bem, ter prazer na sua vida profissional e pessoal é satisfatório, faz bem e é merecido por todos os professores.

Existem muitas técnicas que auxiliam no controle do estresse, porém para cada casa é um caso diferente. Cada pessoa pode ter sua própria maneira de driblar os fatores estressantes e acreditar-se que a melhor solução de resolver é que a pessoa deve fazer uma autoanálise e conscientizar-se deste problema e que a partir daí ela própria venha encontrar os melhores caminhos para poder então viver melhor, pessoalmente e profissionalmente.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. Violências nas Escolas UNESCO, Brasília, 2002.

ALBUQUERQUE, Rosângela Nieto de. Sem estresse, professor! Acho que você está com burnout – O sofrimento dos professores. Revista Construir Notícias, nº 73, ano 13, PE. 2013. Disponível em: <http://www.construirnoticias.com.br/sem-estresse-professor-acho-que-voce-esta-com-burnout-o-sofrimento-dos-professores/> acesso em 31 jan. 2015.

ALMEIDA, de Maria Elizabeth Bianconcini. A Tecnologia Precisa Estar Presente na Sala de Aula. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/gestao-escolar/tecnologia-na-escola-618016.shtml>. Acesso:27.03.2016.

ALMEIDA, Thássia Barbosa; SANTOS, Gisele Simas dos. Síndrome de Burnout em Professores das Escolas Estaduais de Leopoldina. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/lucienyaparecidapaixaogomes/10042012-tcc-thassia-barbosapdf-dias-atuais>. Acesso em 08.01.2016.

ANDRADE, Patrícia Santos de; CARDOSO, Telma Abdalla de Oliveira. Prazer e Dor na Docência: revisão bibliográfica sobre a Síndrome de Burnout. Saúde Soc. São Paulo, v.21, n.1, p.129-140, 2012 129. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21n1/13.pdf>. Acesso em 01.02.2016

AQUINO, Júlio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. Cad. CEDES vol.19 n.47, São Paulo 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000400002. Acesso em 09.07.2016.

BACELAR, Jonildo. Guia Geográfico – Historia da Bahia – Primeira Universidade do Brasil. Disponível em: <http://www.historia-bahia.com/primeira-universidade.htm>. Acesso em 14.07.2016

BASSO, Cíntia Maria. Sobre O Ensino Mediado Por Computadores. Disponível em: http://www.ufsm.br/lec/02_00/Cintia-L&C4.htm. RS – 2004 - Acesso em: 10.07.2016

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 9.394/96. Brasília. MEC, 1996.

CARLOTTO, Mary Sandra; Palazzo, Lílian dos Santos. Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. Cad. Saúde Pública vol.22 no.5 Rio de Janeiro May 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000500014



- Acesso em 12.07.2016

CARLOTTO, Mary Sandra; CÂMARA, Sheila Gonçalves. Análise do maslach Burnou Inventory (MBI) em uma Amostra de Professores de Instituições Particulares. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.9, n.3 set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a17.pdf>. Acesso em 31 dez. 2015.

FERENHOL, Isaac Aisenberg e FERENHOL, Ester Aisenberg. Burnout em Professores. *Revista científica – Avaliação e Mudanças – Centro Universitário nove de julho – São Paulo*, v.4, n.1, p. 131/151. 2002.

FERREIRA, Paulo. Uso de novas tecnologias influencia aprendizado dentro da sala de aula. Disponível em: <http://www.metodista.br/rpcom/noticias-rpcom/2011/outubro/uso-de-novas-tecnologias-influencia-aprendizado-dentro-da-sala-de-aula>. Acesso: 28.03.2016.

GADOTTI, Moacir. *A Escola e o Professor, Paulo Freire e a Paixão de Ensinar*. Editora PUBLISHER BRASIL – 2007. http://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana-cm/contador/sumar_pdf.php?id_libro=646. Acesso: 13.08.2016.

GONÇALVES, Erijane P. S. Rosa. A Síndrome de Burnout Presente nos Professores das Escolas Municipais de Abreu e Lima – PE. *Revista Construir Notícias*, nº 73, ano 13, PE. 2013.

LAGE, Nido. O burnout: por que os professores sofrem? Disponível em: <http://www.construirnoticias.com.br/o-burnout-por-que-os-professores-sofrem/>. Acesso em 31 dez. 2015.

LAUAND, Luiz Jean. *Cultura e Educação na Idade Média*. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/idademedia/educacao_idade_media.htm. SP. 1998. Acesso em 14.07.2016.

LIPP, Marilda Novais. *O Stress do Professor*. 7ª ed., Campinas SP: Papirus, 2002.

MAGAJEWSKI, Flávio Ricardo Liberal. et al. Avaliação da Síndrome de Burnout em Policiais do Município de Tubarão (SC).

Revista Brasileira de Medicina no Trabalho. São Paulo. Vol. 8, Nº 2. 2010

MARRA, Célia Auxiliadora dos Santos. *Violência Escolar: a percepção dos atores escolares e a*



repercussão no cotidiano da escola. ANNABLUME, São Paulo, 2007.

MEIRA, Sônia Maria. Implicações do Stress de Professores e Alunos no Processo de Alfabetização. 7ª ed., Campinas SP: Papirus, 2002.

MELEIRO, Alexandrina Maria Augusto da Silva. O Stress do Professor. 7ª ed., Campinas SP: Papirus, 2002.

MORAN, José Manuel. O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD – uma leitura crítica dos meios. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/detalhes.asp?cod_dados=133. Riode Janeiro – RJ. 2 014. Acesso em 09.07. 2016

PEREIRA , Luiz Henrique Ferraz. A Escola nos dias de Hoje. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/RosemaraOliveira/a-escola-nos-dias-de-hoje>. RS. 2008 Acesso em 15.07.2016

PERNAMBUCO. O Governador do Estado de. LEI Nº 15.507, DE 21 DE MAIO DE 2015. Disponível em: <http://legis.alepe.pe.gov.br/arquivoTexto.aspx?tiponorma=1&numero=15507&complemento=0&ano=2015&tipo>. Acesso em 28.03.2016.

REINHOLD, Helga H. O Burnout. 7ª ed., Campinas SP: Papirus, 2002

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da Educação Escolar no Brasil. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-863x1993000100003. Ribeirão Preto SP. 1993 Acesso em 13.07.2016

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. No tempo da palmatória. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/no-tempo-da-palmatoria>. RJ, 2007. Acesso em 14.07.2016

SILVA, Aida Maria Monteiro. A Violência Na Escola : A Percepção dos Alunos e Professores. Publicação: Série Idéias n. 28. São Paulo: FDE, 1997. Páginas: 253-267. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/amc_a.php?t=001. Acesso em 09.07.2016.

SILVA, Waldenir Pereira da. Síndrome de Burnout em Professores: Um Estudo Sobre Fatores Desencadeantes da Doença no Ambiente de Trabalho. Monografia: Especialização em Psicologia Organizacional e do Trabalho, Recife, 2010.

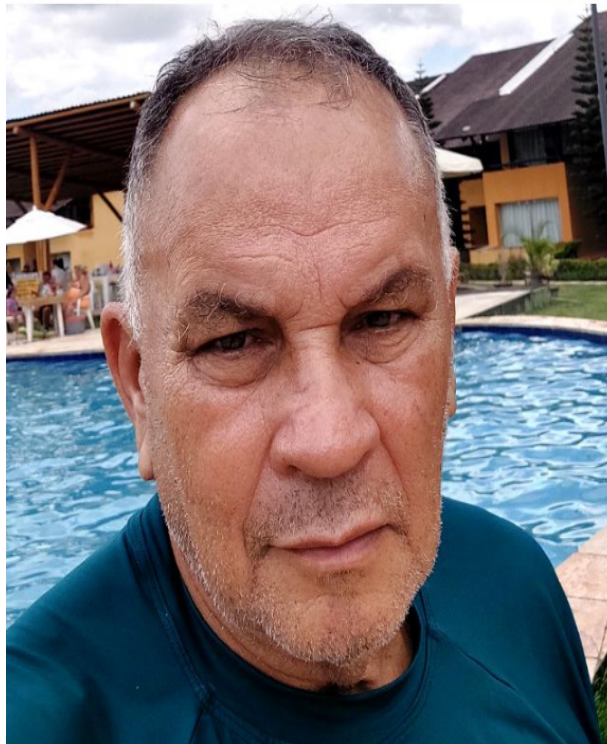


TRICOLI, Valquiria Aparecida Cintra. O Papel do Professor no Manejo do Stress do Aluno 7ª ed., Campinas SP: Papirus, 2002.

VARELLA, Dr. Dráuzio. Síndrome de Burnout. Disponível em: <http://drauziovarella.com.br/letras/b/sindrome-de-burnout/>. Acesso em 04.01.2016.



Do autor



Aderval Rodrigues Ferreira

Nascido em 29 de janeiro de 1960 na cidade de Águas Belas PE. é professor de Física, Cálculo diferencial e Integral, Estatística e Matemática Financeira. Formado em Licenciatura em Física, pós graduado em Matemática, mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Gama Filho RJ, e doutorado em Educação pela Veni Creator Christian University, Flórida USA. Foi professor e chefe de departamento do curso de Licenciatura Plena em Matemática da FUNESO, Foi coordenador da pós graduação em Matemática da FUNESO, foi professor do Liceu de Artes e Ofícios da UNICAP e



prof. Da faculdade Joaquim Nabuco, atualmente é prof. da UNIFG, do estado de PE e do município de Olinda.



Política e Escopo da Coleção de livros Humanas em Perspectiva



A Humanas em Perspectiva (HP) é uma coleção de livros publicados anualmente destinado a pesquisadores das áreas das ciências humanas. Nosso objetivo é servir de espaço para divulgação de produção acadêmica temática sobre essas áreas, permitindo o livre acesso e divulgação dos escritos dos autores. O nosso público-alvo para receber as produções são pós-doutores, doutores, mestres e estudantes de pós-graduação. Dessa maneira os autores devem possuir alguma titulação citada ou cursar algum curso de pós-graduação. Além disso, a Coleção aceitará a participação em coautoria.

A nossa política de submissão receberá artigos científicos com no mínimo de 5.000 e máximo de 8.000 palavras e resenhas críticas com no mínimo de 5 e máximo de 8 páginas. A HP irá receber também resumos expandidos entre 2.500 a 3.000 caracteres, acompanhado de título em inglês, abstract e keywords.

O recebimento dos trabalhos se dará pelo fluxo contínuo, sendo publicado por ano 10 volumes dessa coleção. Os trabalhos podem ser escritos em português, inglês ou espanhol.

A nossa política de avaliação destina-se a seguir os critérios da novidade, discussão fundamentada e revestida de relevante valor teórico - prático, sempre dando preferência ao recebimento de artigos com pesquisas empíricas, não rejeitando as outras abordagens metodológicas.

Dessa forma os artigos serão analisados através do mérito (em que se discutirá se o trabalho se adequa as propostas da coleção) e da formatação (que corresponde a uma avaliação do português e da língua estrangeira utilizada).



O tempo de análise de cada trabalho será em torno de dois meses após o depósito em nosso site. O processo de avaliação do artigo se dá inicialmente na submissão de artigos sem a menção do(s) autor(es) e/ou coautor(es) em nenhum momento durante a fase de submissão eletrônica. A menção dos dados é feita apenas ao sistema que deixa em oculto o (s) nome(s) do(s) autor(es) ou coautor(es) aos avaliadores, com o objetivo de viabilizar a imparcialidade da avaliação. A escolha do avaliador(a) é feita pelo editor de acordo com a área de formação na graduação e pós-graduação do(a) professor(a) avaliador(a) com a temática a ser abordada pelo(s) autor(es) e/ou coautor(es) do artigo avaliado. Terminada a avaliação sem menção do(s) nome(s) do(s) autor(es) e/ou coautor(es) é enviado pelo(a) avaliador(a) uma carta de aceite, aceite com alteração ou rejeição do artigo enviado a depender do parecer do(a) avaliador(a). A etapa posterior é a elaboração da carta pelo editor com o respectivo parecer do(a) avaliador(a) para o(s) autor(es) e/ou coautor(es). Por fim, se o trabalho for aceito ou aceito com sugestões de modificações, o(s) autor(es) e/ou coautor(es) são comunicados dos respectivos prazos e acréscimo de seu(s) dados(s) bem como qualificação acadêmica.

A nossa coleção de livros também se dedica a publicação de uma obra completa referente a monografias, dissertações ou teses de doutorado.

O público terá acesso livre imediato ao conteúdo das obras, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



Índice Remissivo



D

Dados

página 15

página 22

página 35

página 59

F

Fadiga

página 26

página 37

página 53

página 62

P

Professor

página 12

página 61

página 64

página 72



S

Síndrome

página 14

página 23

página 56

página 67



Esse ebook produzido pelo pesquisador Aderval Rodrigues Ferreira coloca em destaque, através de uma pesquisa empírica, o quadro de saúde emocional de diversos professores no ambiente escolar, permitindo compreender a fadiga e desgaste vivenciados. Essa conjuntura, favorece a necessidade de revisão do quadro atual de ensino, a fim de permitir melhores políticas públicas.

